



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS

MARCOS BRITO DINIZ

O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO, SEGUNDO PAULO FREIRE, PRESENTE NA
PRÁTICA DO COLETIVO POSSIBILIDADES: um caminho para a educação musical

Rio de Janeiro

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS

MARCOS BRITO DINIZ

O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO, SEGUNDO PAULO FREIRE, PRESENTE NA
PRÁTICA DO COLETIVO POSSIBILIDADES: um caminho para a educação musical

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação,
apresentado ao Instituto Villa-Lobos da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Música.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mônica de Almeida Duarte

Rio de Janeiro

2024

Dedico este trabalho aos espaços, grupos e coletivos insulanos que constroem a esperança por dias melhores. Dentre eles: Possibilidades, Agrofloresta do Cocotá, Casa Frida, GT Maracajá, Ecoinsulanas, Núcleo 8 de Março, Baía Viva, Espaço Cultural Rose Baiana, Sarau dos Bares, Petilha, Encontro das Cores, Soul Pixta, Coletivo CCT, Clube do Vinil, Insulfilme, Atitude Dendê, Rolé da Ilha, Barão Vive, Baú da Rainha, Cedilha, Comitê Popular de Luta Juan Pablo, Garagem Musical, Samba da Purificação, Projeto Museu Insulano.

Dedico também à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), ao Centro de Atenção Psicossocial Ernesto Nazareth, à UPA Pediátrica Radialista Gilson Ricardo, à Areninha Cultural Renato Russo e à Biblioteca Euclides da Cunha.

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

B Brito Diniz, Marcos
O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO NA PRÁTICA DO COLETIVO
POSSIBILIDADES: um caminho para a educação musical / Marcos
Brito Diniz. -- Rio de Janeiro : UNIRIO, 2024.
61

Orientadora: Mônica Duarte.
Coorientadora: Cibeli Reynaud.
Coorientador: Thiago Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Graduação
em Música - Licenciatura, 2024.

1. Humanização. 2. Educação Musical. 3. Movimentos
sociais. I. Duarte, Mônica, orient. II. Reynaud, Cibeli ,
coorient. III. Oliveira, Thiago , coorient. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Letras e Artes - CLA Instituto Villa-Lobos - IVL
Curso de Licenciatura em Música

O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO NA PRÁTICA DO COLETIVO
POSSIBILIDADES: um caminho para a educação musical

por

MARCOS BRITO DINIZ

BANCA EXAMINADORA

Mônica de Almeida Duarte

Professora Mônica Duarte


Professora Cibeli Reynaud


THIAGO SILVA FREITAS OLIVEIRA - SIAPE: 3195537

Professor Thiago Oliveira

Nota : DEZ

SETEMBRO/2024

DINIZ, Marcos Brito. **O processo de humanização, segundo Paulo Freire, presente na prática do coletivo Possibilidades: um caminho para educação musical.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Música) - Instituto Villa-Lobos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo geral compreender como o processo de humanização, segundo Paulo Freire, se apresentou na prática do coletivo Possibilidades na Ilha do Governador. Como objetivos específicos, este trabalho busca conceituar o processo de humanização, segundo Freire; descrever o processo de formação e desenvolvimento do coletivo Possibilidades, em especial da prática musical coletiva; e correlacionar as experiências do coletivo com a educação musical, apontando caminhos para a educação básica. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa descritiva. Através da perspectiva pessoal do autor enquanto participante do coletivo, de entrevistas e análises de documentos e mídias, esta pesquisa aprofunda o entendimento sobre a práxis do coletivo Possibilidades ao interpretar os dados sob a perspectiva freireana da humanização. Desta forma, a presente pesquisa pretende contribuir com a literatura sobre movimentos sociais e humanização, bem como auxiliar na prática dos educadores musicais ao exemplificar as possibilidades para uma educação musical libertadora.

Palavras-chave: Humanização. Movimento Cultural. Educação Musical.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 HUMANIZAÇÃO: O SER HUMANO NO MUNDO E COM O MUNDO	13
2.1 A desumanização como realidade histórica.....	17
2.2 O processo de humanização.....	22
3 O COLETIVO POSSIBILIDADES	25
3.1 Antecedentes: A Agrofloresta do Cocotá	26
3.2 Antecedentes: A Biblioteca Euclides da Cunha	28
3.3 Possibilidades: o evento que se tornou coletivo	28
4 A HUMANIZAÇÃO COMO POSSIBILIDADE	35
4.1 ImPossibilidades: A pandemia e o sucateamento de um equipamento público ...	35
4.2 Possibilidades artísticas para o processo de humanização.....	38
4.3 Possibilidades musicais: a Banda da Agrofloresta e a prática musical coletiva ...	41
4.4 Possibilidades para a educação musical.....	50
5 NOTAS AD-MIRATIVAS	55
REFERÊNCIAS	58
ANEXO A	60

1 INTRODUÇÃO

*Ramificado seja
Hierarquizado não seja
(Julinho Terra)¹*

Em 2022, Alexandre Henrique, artista plástico, foi convidado a expor na Biblioteca Euclides da Cunha no Cocotá, bairro da região administrativa da Ilha do Governador, Rio de Janeiro. Em conversas com a diretora da biblioteca, Deolinda Avelar, Alexandre sugeriu estender este convite a diversos artistas da Ilha do Governador. Além da exposição coletiva, surgiu a ideia de saraus semanais. Os convites foram feitos de maneira informal e, em outubro de 2022, nasceu a Exposição e Sarau Possibilidades.

Rapidamente, o evento se incorporou à agenda permanente da biblioteca. De forma voluntária, foi crescendo e agregando artistas de diversas linguagens como artes plásticas, artesanato, teatro, fotografia, cinema, poesia e música, e militantes e ativistas de diversas frentes de luta, tais como a agroecologia, saúde mental e combate às opressões. Meu contato com o evento se deu duas semanas após a estreia na Biblioteca Euclides da Cunha. Me convidaram para uma participação no sarau do dia 21 de outubro de 2022. A partir de então, passei a integrar o grupo, não só me apresentando nos saraus, mas ajudando na sua construção diária. Assim como eu, muitas pessoas tiveram o sarau ou a exposição como porta de entrada estabelecendo um caráter coletivo para o evento.

No dia 23 de outubro de 2023, fizemos uma reunião de avaliação de um ano de Possibilidades e uma das palavras mais repetidas nesta reunião foi “transformação”. As pessoas relataram como se sentiam bem podendo contribuir para algo maior, como se sentiam motivadas e incentivadas a se expressar, artística e politicamente, e como puderam aprender e conhecer coisas novas e diversas. A partir desses relatos, percebi uma relação muito íntima entre a palavra “transformação”, usada pelos participantes, com o conceito de humanização descrito por Paulo Freire.

Ao longo da minha graduação em licenciatura em música, Paulo Freire foi um autor muito presente nas minhas reflexões, sobretudo na reflexão sobre o papel político da educação. Neste sentido, o conceito de humanização me despertou especial interesse,

¹ Julinho Terra é ator, poeta anarquista participante do coletivo Possibilidades. (Terra, 2023, p.17)

pois vivemos num sistema econômico que insiste em nos desumanizar em prol do lucro e da manutenção do poder de uns poucos. Ao afirmar que a vocação ontológica do ser humano é ser sujeito (Freire, 2021a, p.53), Paulo Freire contraria os mitos da ideologia dominante e reforça todo o potencial humano.

Considerando o potencial de transformação humana que pude vivenciar no coletivo Possibilidades, e tendo em mente o conceito de humanização, tal como elaborado por Paulo Freire, julguei relevante apresentar, de maneira sistemática, a experiência do coletivo. E, como licenciando em música, entendi ser relevante estudar o processo de formação e desenvolvimento do coletivo Possibilidades refletindo sobre as contribuições que tal experiência poderia oferecer para a prática pedagógica do professor de música. Essa pesquisa, portanto, que toma como base o pensamento de Paulo Freire sobre a humanização, buscou responder a seguinte questão: "como o conceito de humanização se apresentou na prática do coletivo Possibilidades?"

Para responder tal questão, procurei atender o objetivo geral de identificar o processo de humanização, tal como desenvolvido por Paulo Freire, na prática do coletivo Possibilidades. Este objetivo foi desdobrado nos objetivos específicos: (1) apresentar o conceito de humanização tal como foi desenvolvido por Paulo Freire; (2) descrever o processo de formação e desenvolvimento do coletivo Possibilidades; (3) identificar o processo de humanização nas experiências do coletivo Possibilidades, notadamente nas práticas musicais; (4) correlacionar o processo de humanização próprio do coletivo Possibilidades com a prática profissional do professor de música na escola de educação básica.

Esta pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva, teve como características a coleta de dados a partir de uma perspectiva mais aberta, visando interpretar os comportamentos e ideais políticos presentes na prática do coletivo Possibilidades. De fato, a pesquisa com abordagem qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica dos dados coletados, mas, sim, com "o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc." (Silveira ; Córdova, 2009, p. 33)

Já a pesquisa descritiva, tal como está expresso em sua denominação, "pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade" (Silveira, Córdova, 2009, p. 37).

Para tanto, apresentei um relato da minha experiência com o coletivo, analisei os registros das atividades e as atas das reuniões e realizei duas entrevistas narrativas com

Alexandre Henrique, um dos idealizadores do Sarau e Exposição Possibilidades. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2003):

A entrevista narrativa (...) tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado (...) a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. A técnica recebe seu nome da palavra latina *narrare*, relatar, contar uma história. Em um manuscrito não publicado, Schutze (1977) sugeriu uma sistematização dessa técnica. Sua ideia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível. (Jovchelovitch; Bauer, 2003, p.93)

Escolhi Alexandre como informante, não apenas pela sua iniciativa enquanto idealizador do Possibilidades, mas também pela sua participação enquanto artista plástico e músico engajado nas questões ambientais. Na primeira entrevista, apresentei perguntas mais abertas para que o entrevistado pudesse narrar a história e expressar a sua opinião a respeito do coletivo. Para a segunda entrevista, no entanto, elaborei um roteiro dividido em três grandes tópicos: (1) as impressões individuais sobre o coletivo; (2) a contribuição do coletivo na geração de práticas artísticas integradas; (3) a contribuição do coletivo no processo de humanização de seus participantes. Para o tópico (3) utilizei a técnica de associação de ideias. Eu apresentava uma palavra e deixava espaço para que o entrevistado pudesse relacioná-la com a vivência no coletivo.

Sobre a organização dos capítulos: no capítulo 2, falei sobre os pressupostos humanos que possibilitam a humanização. Ressaltando a humanização como um processo contínuo, um caminho forjado pelos movimentos coletivos de luta, cujas ferramentas são a educação e a ação cultural libertadoras. Se falamos em libertação é porque vivemos em um mundo que nos oprime e desumaniza. O processo de humanização é, portanto, uma luta contra a desumanização. Por isso, foi imprescindível falar da desumanização enquanto realidade histórica, pois só conscientes dessa realidade é que podemos superá-la.

No capítulo 3 apresentei o histórico e as atividades artísticas desenvolvidas de 2022 a 2024 pelo coletivo Possibilidades. Muita coisa ficou de fora, mas tentei dar um panorama geral dos eventos ocorridos. Embora eu tenha sido participante, esta pesquisa nasce no fim de 2023, ou seja, após mais de um ano de atividade do coletivo. Não pude me orientar por relatórios pessoais de campo, mas recorri à memória, aos registros em redes sociais, à entrevista, depoimentos e às atas das reuniões das quais participei.

O capítulo 4 relaciona a prática do coletivo Possibilidades com o processo de humanização. Para isso, levei em conta a atuação política e o papel das artes, em especial, da prática musical. Meu destaque para as práticas musicais se deve à minha participação

enquanto músico e licenciando em música, futuro educador musical. No meu entendimento, a música pode colaborar com a sensação de pertencimento por ter possibilitado a prática artística coletiva de forma leve e para todos. Todos, músicos ou não, eram convidados a se expressar pela música.

Ainda no capítulo 4, fiz uma síntese a partir da categorização de Braga (2012) sobre as dimensões da humanização em Paulo Freire. Levando em conta que toda ação cultural é também uma ação educativa, busquei pontes entre a prática do coletivo Possibilidades com a educação musical.

Como uma tentativa de tornar este trabalho mais coletivo, inseri no início de cada capítulo trechos de textos e poemas de artistas que participam do coletivo Possibilidades. Dentre eles, Julinho Terra, Klara Rakal, Frida, Alexandre Lima. Alguns possuem livros que foram lançados durante a Exposição e Sarau Possibilidades, outros, postam seus trabalhos online. Sobre as imagens, utilizei fotos do fotógrafo Claudio Fagundes e flyers produzidos por Dudi Brito. Cito também uma música do compositor Guilherme Baptista e um lindo trabalho de conclusão de curso da arquiteta Beatriz Kempf. As devidas referências foram feitas como convite para que os leitores conheçam estes trabalhos. Esses nomes são citados porque utilizei o trabalho deles como fonte para construção do texto. Entretanto, ao longo do texto tive muitas dúvidas sobre como eu poderia ser justo ao citar nominalmente os participantes do coletivo. Não queria correr o risco de deixar ninguém de fora, ao mesmo tempo, seria impossível citar todo mundo que ajudou a construir o Possibilidades. Muitos nomes importantes ficaram de fora, por isso, tirando estes casos específicos, evitei nomear as pessoas na narrativa, optei por nomear os coletivos participantes.

Por fim, resolvi chamar o capítulo “conclusão” de “Notas *Ad-mirativas*”. Levei em conta o conceito de *ad-miração* descrito por Freire. Essa não é uma escolha original, me inspirei em outros trabalhos que optaram por este caminho. Fiz essa escolha, porque o exercício intelectual de recapitular tudo que o havia escrito me possibilitou um novo olhar sobre o objeto de minha pesquisa. O conhecimento está sempre em construção. A “conclusão” de um trabalho como este não fecha janelas, abre-as. E é a janela aberta para a educação musical pela qual eu pretendo passar!

Com isso, espero que essa pesquisa possa auxiliar na compreensão sobre o processo de humanização nos movimentos sociais e culturais. Acredito que poderá contribuir também para o campo da educação musical ao refletir sobre a integração da música com as demais artes e a sociedade. Como manifestação humana, a música não

está fora da sociedade. Não basta analisar notas, descontextualizando a música da sociedade, isso seria reproduzir o “bancarismo” na educação musical. É fundamental que o educador musical reflita sobre o lugar social da música para que possa estar em diálogo verdadeiro com os educandos, promovendo assim a educação musical libertadora.

Além disso, esta pesquisa é uma tentativa de aproximar a academia dos saberes produzidos pelos movimentos sociais populares. Creio que esta troca é fundamental para que a universidade pública se torne cada vez mais popular e para todos.

2 HUMANIZAÇÃO: O SER HUMANO NO MUNDO E COM O MUNDO

Deves acordar enquanto é tempo

- a cor dar -

*colorir emoções
abrir corações
desafiar gerações
encontrar soluções(...)*

Klara Rakal²

Um dos conceitos mais trabalhados por Paulo Freire, e que talvez seja a grande finalidade de sua teoria e ativismo social, é o conceito de humanização. Partindo da premissa de que os seres humanos são, em essência, seres criadores, capazes de interferir na realidade para transformá-la, Paulo Freire entendia o processo de humanização como uma tomada de consciência dos seres humanos da sua “vocação ontológica de ser sujeito” (Freire, 2021a, p. 53).

Os seres humanos são seres sociais, que estabelecem relações uns com os outros e com o mundo, atuando sobre a história e a cultura. Segundo Freire (2021), nós somos seres inacabados e conscientes do próprio inacabamento. Estamos em permanente construção e reconstrução. Neste processo histórico-cultural, surge a educação:

O cão e a árvore também são inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. O homem³ pergunta-se: Quem sou eu? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer essa autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (Freire, 2023, p. 33-34)

O processo de aprendizado humano não acontece apenas em ambientes formais de ensino, mas na própria dinâmica das relações entre as pessoas e delas com o mundo. Desta forma, há uma dialética entre ação e reflexão, pois toda ação humana é capaz de produzir uma reflexão nova e toda reflexão é capaz de produzir uma nova ação. A ação cultural é toda ação humana presente nesta relação dialética. “Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (Freire, 2021a, p.51).

² Klara Rakal é professora e poeta participante do coletivo Possibilidades. A poesia se chama “A Cor Dar”. (Rakal, 2023, p. 38).

³ No início dos anos 1970, Paulo Freire acolheu as críticas do movimento feminista devido à linguagem que exclui as mulheres. “Daquela data até hoje me refiro sempre a mulher e homem ou seres humanos.” (FREIRE, 1992, p.67).

Em sua obra “Pedagogia do Oprimido” (2020), Paulo Freire afirmou que vivemos em um mundo marcado pelo conflito de classes, entre “opressores” e “oprimidos”. Sendo assim, a ação cultural e a educação trazem marcas deste conflito, seja na reprodução da ideologia dominante, seja no questionamento da opressão. É impossível que haja neutralidade nas ações e escolhas humanas. Por isso, quando falamos de educação e ação cultural na perspectiva freireana, precisamos acrescentar adjetivos como “crítica” e “libertadora”. A ação cultural e a educação libertadoras são ações próprias do processo de humanização. Libertação que não virá apenas da consciência das injustiças, mas na ação-reflexão expressa na luta pela transformação das condições materiais da opressão.

A humanização é, portanto, um processo, um vir a ser, algo a ser conquistado pelos seres humanos. Como lembra Orben (2021):

A vocação para o *Ser mais* é a expressão da natureza humana como inacabada, em processo de *estar sendo* e *vir-a-ser*. Com isso, os oprimidos sabem que a relação de opressão pode ser superada, de modo que eles passam a desejar a liberdade e a *Ser mais* do que eram (...) A história é possibilidade e não determinação, pelo que um mundo melhor só depende da práxis humana. A consciência crítica, portanto, reconhece a realidade e sabe que ela está sendo, que pode ser modificada através da reflexão articulada com a ação. (Orben, 2021, p. 58. Grifos do autor)

Ao longo de sua obra, Freire apresentou os pressupostos que possibilitam a realização da vocação ontológica do ser humano de ser sujeito.

Segundo Freire (2021), os seres humanos são seres de relações que estão no mundo e com o mundo. Nesta concepção, estar no mundo é, simplesmente, viver. O viver é característica de qualquer ser vivo. Um animal vive, sente, mas não organiza planos futuros sobre sua vida, não questiona seu papel no mundo, não cria novas maneiras de estar no mundo. Os animais estão no mundo, mas não se relacionam, no sentido freireano, pois se ajustam à realidade.

Homens e mulheres, pelo contrário, podendo romper essa aderência e ir mais além do mero estar no mundo, acrescentam à vida que tem a existência que criam. Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se. (Freire, 2021b, p. 108)

Ainda sobre o existir, Freire (2021) acrescentou que “o existir é individual, contudo, ele só se realiza em relação com outros existires” (Freire, 2021a, p. 57). Os seres humanos são, portanto, seres de relações. Na obra “Educação como Prática da Liberdade” (2021), Freire elencou algumas características desta relação que os seres humanos estabelecem com o mundo: “O conceito de relações, da esfera puramente humana, guarda

em si, como veremos, conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade” (Freire, 2021a, p. 55).

Pluralidade, transcendência, criticidade, consequência e temporalidade são pressupostos que estão intimamente relacionados nas relações humanas com o outro e com o mundo. Podemos dizer que tais pressupostos são condicionados e condicionantes uns dos outros e se complementam para fundamentar um conceito muito relevante no pensamento freireano: o conceito de humanização. Para entender melhor tal conceito, vamos tratar de cada um de seus aspectos a seguir.

A **pluralidade** está na forma criativa como os seres humanos buscam responder aos diversos desafios postos pela existência. Além de buscar diferentes respostas para os diferentes desafios, a pluralidade também se faz presente na diversidade de respostas para um mesmo desafio.

No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta, com a consciência de quem está diante de algo que o desafia. Nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na singularidade. (Freire, 2021a, p. 55 - 56)

A **transcendência** está na capacidade humana de se conscientizar sobre a realidade do mundo a partir da objetificação do mundo e da auto objetificação. Ou seja, tornar o mundo objeto de sua observação buscando enxergar o mundo para além do que se percebe superficialmente, como quem toma distância de um enorme objeto para poder *ad-mirá-lo* na totalidade. *Ad-mirar*, neste caso, não no sentido de venerar o objeto, mas de observá-lo e re-observá-lo. A cada re-observação, uma nova descoberta, pois o conhecimento é uma fonte inesgotável.

Ao se auto objetificar, o ser humano busca refletir sobre si mesmo, sua condição, seu papel no mundo, suas subjetividades, sua história e seu futuro. Essa auto objetificação também é responsável pela diferenciação do “eu” e do “não eu” e pela consciência de nossa finitude e inacabamento. Inacabamento expresso na nossa eterna busca em “Ser Mais”.

É que não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como “não eu” do homem, capaz de desafiá-lo; como também não haveria ação humana se o homem não fosse um “projeto”, um mais além de si, capaz de captar a realidade, de conhecê-la para transformá-la.” (Freire, 2020, p.55)

A constante busca em “Ser Mais” só é possível devido à marca de **criticidade** de nossa consciência. Somos capazes de captar a realidade e analisá-la criticamente. Desta forma, nossa consciência é reflexiva, não reflexo do que vivemos. A percepção e análise

crítica do mundo não se separa da ação transformadora, pois a criticidade não se restringe ao nosso pensamento e teoria, é na práxis que ela se consolida. “Num pensar dialético, ação e mundo, mundo e ação, estão intimamente solidários. Mas a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é quefazer, isto é, quando também não se dicotomiza de reflexão.” (Freire, 2020, p. 55)

Conscientizando-se da realidade e atuando sobre ela, os seres humanos se descobrem como seres históricos. Os seres humanos “emergem” no tempo ao reconhecer seu passado, seu presente e seu futuro. Esta é a marca da **temporalidade**.

O homem existe – *existere* – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se. (Freire, 2021a, p.57)

Por sermos capazes de emergir no tempo, nossa ação, que só se realiza no presente, ganha importância, deixando de ser mera acomodação. O sentido de **consequência** vem da nossa ação coletiva. Na consciência crítica do tempo, buscamos superar as contradições do passado, reconhecendo toda a luta que até aqui se deu, mas sem dar como encerrada a nossa trajetória, pois, como seres inconclusos e conscientes, buscamos um futuro melhor, buscamos “Ser Mais”. Quando Freire fala da transformação do mundo pelos seres humanos, ele se refere à nossa capacidade de mudar uma realidade opressora para outra, de liberdade.

É relevante apontar que o conceito freireano de humanização abarca a relação das pessoas com a natureza. No dia 21 de abril de 1997, Freire assinou uma carta a respeito “Do assassinato de Galdino Jesus dos Santos – índio pataxó” (Freire, 2000, p.67). Nesta carta, comentou: “que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e florestas” (Freire, 2000, p.67).

Portanto, estar no mundo e com o mundo é existir plenamente, interferir, transformar, conscientizar, amar a natureza e os todos os seres. Por isso mesmo, é lutar contra a opressão para que as potencialidades humanas se realizem.

2.1 A desumanização como realidade histórica

Para aprofundar o debate sobre humanização, é imprescindível que falemos do seu oposto: a desumanização. Se, por um lado, temos a humanização como vocação, por outro é preciso “reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica” (Freire, 2020, p.40). Como seres inconclusos, humanização e desumanização são possibilidades.

Mas se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada. (Freire, 2020. p. 40)

O mundo é marcado pela violenta contradição entre opressores e oprimidos e essa contradição produz a desumanização (Freire, 2020). Por isso, tomar consciência da desumanização é tarefa imprescindível no processo de humanização, pois é a partir da consciência crítica da realidade que buscamos superar as injustiças promovidas pela exploração. Segundo Fernandes (2016):

A exploração não é algo que ocorre fora da sociedade humana; é o vínculo real entre a natureza opressiva do capital e a realidade material dos indivíduos. O poder do capitalismo é derivado da capacidade de impedir o acesso a uma visão histórica da existência e, por consequência, à agência da criação e da subjetividade que separa os seres humanos de outros seres. A cognição de um indivíduo sobre sua própria humanidade (e as potencialidades históricas que se seguem) é um passo para tornar-se consciente de como se é oprimido. (Fernandes, 2016. p. 490-491)

Sendo os oprimidos a imensa maioria, e os opressores, a minoria, não bastaria a força bruta para garantir a ordem social injusta. Para os que se favorecem desta estrutura, os opressores, é estratégico que produzam uma ideologia capaz de penetrar a consciência dos oprimidos para que estes assumam uma posição ingênua e fatalista da realidade. Os opressores não pretendem transformar a realidade, por isso buscam transformar a mentalidade dos oprimidos para que estes não enxerguem a situação de opressão da qual são vítimas

A ideologia das classes dominantes nos desumaniza na medida em que nos torna passivos e domesticados. Desumanizados, somos incapazes de enxergar a realidade de forma crítica e passamos a aceitar, crer e até defender os mitos da ideologia dominante. Neste sentido, Marx e Engels já afirmavam que:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da

produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. (Marx; Engels, 2007, p. 47)

Em “Pedagogia do Oprimido” (2021), Paulo Freire chama de educação bancária a forma como a ideologia do opressor se reproduz no processo educacional. Na educação bancária, a relação educador e educandos é reduzida ao mero “depósito” de conteúdos. O educador deposita os conteúdos, de forma descontextualizada, nos educandos que o recebem de maneira passiva. O pressuposto do diálogo, que é a relação entre sujeitos, não existe, pois, nessa relação, “o educador (...) é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos” (Freire, 2020, p.83).

Com efeito, a educação bancária rechaça a autonomia, a liberdade e a criticidade do educando, de modo a anular o seu poder criador, a sua capacidade inventiva e reflexiva. O educando torna-se um objeto inerte, dócil, ignorante, alienado, acrítico, reacionário, pelo que é fácil determiná-lo e manipulá-lo. É, pois, por essa razão que a educação bancária serve aos interesses dos opressores. (Orben, 2021, p.62)

Da mesma forma, nas relações sociais, os opressores estão sujeitos e os oprimidos, objetos. Na ação cultural para a dominação, a ideologia dominante é “depositada” sobre os oprimidos como regra universal, uma prescrição de um modo de vida a ser seguido por todos. Aos oprimidos não cabe decidir, pois deixam de ser sujeitos. “Coisificam-se”, pois deixam de estar integrados com a realidade e passam a ajustar-se a ela. Acreditam que o mundo é de tal forma imutável que basta aceitá-lo como é.

Isso pode ser facilmente verificado no senso comum, quando se diz, por exemplo, que “o mundo é assim [ruim, violento, injusto] devido à natureza humana egoísta”. Tal afirmação parte de um pressuposto ingênuo e fatalista, pois, se nós, seres humanos, somos egoístas “por natureza”, e isso justifica todo o mal estar do mundo, não há o que fazer a não ser aceitar a nossa condição. Entretanto, essa é uma, dentre tantas, premissas ideológicas que são resultado do processo de dominação social.

Essa visão do ser humano “egoísta”, além de desengajar os oprimidos na luta pela sua libertação, internaliza neles a própria lógica capitalista do “todos contra todos pela sobrevivência”, promovendo o individualismo. Os oprimidos passam a disputar, entre si, condições precárias de trabalho, acreditam que “ser” é “ter” e que, se forem obedientes e se esforçarem muito, um dia poderão ter uma vida melhor. Vida esta que não se realiza

para a maioria das pessoas, por mais que se esforcem por meio das condições injustas de trabalho.

Segundo Freire (2020), a teoria da ação cultural para a dominação possui características como: a conquista, a divisão para manter a opressão, a manipulação e a invasão cultural.

A ação conquistadora busca “matar” nos seres humanos a capacidade de objetivar o mundo para compreendê-lo e transformá-lo. Tenta nos convencer do mundo, não como problema, mas, “como algo dado, como algo estático, a que os homens se devem ajustar” (Freire, 2020, p.187). Através de propagandas e slogans distribuídos pelos grandes meios de comunicação, a ação conquistadora cria uma imagem *mistificada* do mundo. Em “Pedagogia do Oprimido” (2020), Paulo Freire fala sobre os mitos criados pelos opressores e que são indispensáveis para a manutenção do *status quo*:

O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem então deixá-la e procurar outro emprego. O mito de que esta 'ordem' respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto, é digna de todo apreço. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. O mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o do que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório. O mito da igualdade de classe, quando o “sabe com quem está falando?” é ainda uma pergunta dos nossos dias. O mito do heroísmo das classes opressoras, como mantenedoras da ordem que encarna a 'civilização ocidental e cristã', que elas defendem da “barbárie materialista”. O mito de sua caridade, de sua generosidade, quando o que fazem, enquanto classe, é assistencialismo, que se desdobra no mito da falsa ajuda(...). O mito de que as elites dominadoras, “no reconhecimento de seus deveres”, são as promotoras do povo, devendo este, num gesto de gratidão, aceitar a sua palavra e conformar-se com ela. O mito de que a rebelião do povo é um pecado contra Deus. O mito da propriedade privada, como fundamento do desenvolvimento da pessoa humana, desde, porém, que pessoas humanas sejam apenas os opressores. O mito da operosidade dos opressores e o da preguiça e desonestidade dos oprimidos. O mito da inferioridade 'ontológica' destes e o da superioridade daqueles. (Freire, 2020, p.188-189).

Acrescento: o mito de que cada um pode ser patrão de si. O mito de que a economia é assunto técnico e não político. O mito da neutralidade. O mito do fim da história. O mito da democracia racial. O mito da própria democracia representativa. O mito da liberdade de expressão. O mito de que todos somos iguais perante a lei. O mito do patriotismo. O mito do “Agro é pop”, dentre outros.

Todos esses mitos são permanentemente “depositados” sobre os oprimidos. O assédio ideológico é tão forte que faz com o que os oprimidos passem a “hospedar” o opressor em si:

A estrutura do seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se “formam”. O seu ideal é, realmente, ser homens, mas, para eles, ser homens, na contradição em que sempre estiveram e cuja superação não lhes é clara, é ser opressores. Estes são o seu testemunho de humanidade. (Freire, 2020, p. 44)

Por isso que muitas vezes os oprimidos não se reconhecem enquanto classe oprimida (Freire, 2020, p.45). O desejo por condições melhores de vida passa a ser, não um desejo pela libertação, mas um desejo pela ascensão social pessoal. Na realidade neoliberal, até mesmo os direitos sociais - como saúde, previdência e educação - são tratados como mercadoria. Além disso, num sistema onde o desemprego é fundamental para garantir mão de obra de reserva, a competição entre os oprimidos proporciona postos de trabalho precarizados, pois “se você não quer, há quem queira.” Por isso, o sonho individual de “ascensão social” dá uma falsa impressão de inclusão pelo consumo. As perspectivas de vida passam a ser individuais e não coletivas. A falta de consciência de classe leva os oprimidos a competirem entre si para se sentirem pertencentes a um mundo que não lhes pertence.

Além disso, qualquer luta coletiva que ameace a hegemonia dos opressores é perseguida e caluniada. Recentemente, por exemplo, pudemos presenciar toda a calúnia, financiada por forças políticas e empresariais, contra Paulo Freire e sua obra. Chamados de “invasores”, movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) também são vítimas de desinformação e calúnia. Por isso, os oprimidos passam a temer a própria libertação, chegando, muitas vezes, a atuar contra ela. Como tem acontecido na proliferação desenfreada de *fake news* que confundem a população, criando ilusões que colocam os oprimidos uns contra os outros.

A divisão dos oprimidos também se faz presente no contexto do racismo, do machismo, no preconceito contra a população LGBTQIA+, na perseguição aos povos indígenas, nas políticas higienistas contra a população em situação de rua, no mal trato às pessoas com sofrimento psíquico, no capacitismo contra as pessoas com deficiência, etc.

A terceira característica da teoria da ação antidialógica é a manipulação (Freire, 2020, p.198). A manipulação está presente no processo de conquista. Munida de mitos, a burguesia se coloca como modelo a ser seguidos pelos oprimidos (Freire, 2020, p.198), o que leva a divisão destes. A manipulação também se faz presente nos pactos, vistos como “neutros” entre classes dominantes e dominadas, e no assistencialismo das classes dominantes. O processo eleitoral, dito como “livre e democrático”, mas totalmente

dominado pelo poder econômico, é um exemplo deste “pacto” que se diz neutro, mas privilegia as classes dominadoras.

A manipulação também produz nos oprimidos uma resposta contrária à própria libertação. Isto é, muitas vezes os oprimidos, sentindo-se oprimidos, se “engajam”, mas manipulados, passam a lutar contra os próprios direitos. Assim nascem os movimentos fascistas, que, a partir de uma estética “contra tudo e contra todos” reforçam os mitos da dominação. Passeatas pedindo a volta da ditadura militar no Brasil são um exemplo recente da fascistização de setores da sociedade brasileira manipulada.

A invasão cultural é a quarta característica da ação antidialógica. A penetração da cultura dominante nos oprimidos, determina, não apenas a cultura dos opressores – invasores – como modelo a ser seguido, mas também impõe a cultura do silêncio sobre os oprimidos, que passam a se enxergar como inferiores: “Quanto mais se acentua a invasão, alienando o ser da cultura e o ser dos invadidos, mais estes quererão parecer com aqueles: andar como aqueles, vestir à sua maneira, falar a seu modo” (Freire, 2020, p. 206-207). Um exemplo concreto de invasão cultural é a ideologia racista que enfatiza a cultura branca e europeia como universal, atuando nas subjetividades, mas também nas políticas de Estado.

Enquanto houver a contradição opressores e oprimidos, os seres humanos serão colocados contra a sua vocação ontológica de “Ser Mais”. Precisamos tomar consciência da situação concreta de desumanização na qual nos encontramos para que a luta pela humanização possa se realizar. Desumanização que não vítima apenas os oprimidos, tal como pudemos ver, mas também os opressores. Entretanto, a luta pela libertação partirá dos oprimidos, pois seria uma ingenuidade esperar que as classes dominantes “pusessem em prática, ou que consentissem ser posta em prática, em caráter geral e sistemático, uma educação que, desafiando o povo, lhe permitisse perceber a *raison d’être* da realidade social” (Freire, 2021b, p.191).

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. (Freire, 2020, p.41)

Portanto, só os oprimidos, tomando consciência de sua condição histórica, podem promover o processo de humanização do mundo.

2.2 O processo de humanização

A partir da compreensão dos pressupostos humanos, descritos por Freire em “Educação como Prática de Liberdade” - pluralidade, transcendência, criticidade, consequência e temporalidade – suas condições e desdobramentos, podemos aprofundar o debate sobre o processo de humanização. Como pudemos ver, o processo de humanização é uma possibilidade, isto porque a estrutura da sociedade, condicionada pelo contexto histórico-cultural, promove a desumanização enquanto realidade histórica.

Segundo Fernandes (2016): “uma perspectiva de humanização como uma vocação absoluta é prejudicial para a nossa própria sensibilidade de como homens e mulheres podem se comportar contra esta vocação de uma forma ativa (...)” (Fernandes, 2016, p. 489). Portanto, para que não caiamos num otimismo ingênuo, é preciso entender que a humanização “não se constitui em si mesma, mas pela criação de condições objetivas. A humanização pressupõe ações humanizadoras. Objetivá-la é transpor da condição de substantivo – humanização – para a condição de verbo - humanizar.” (Braga, 2012, p.38)

Em sua tese de doutorado, “Prática pedagógica docente-discente e humanização: contribuição de Paulo Freire para a escola pública”, Maria Margareth Braga propõe uma categorização das características humanas descritas por Freire e delimita três dimensões da humanização. Segundo a autora:

A compreensão de humanização, sob a ótica de Paulo Freire, é feita a partir de três perspectivas: antropológica, que reconhece a historicidade como produção humana; pedagógica, que considera o diálogo como mediação entre sujeitos históricos; e ético-política, que considera a autonomia como expressão do concreto pensado do devir humano. (Braga, 2012, p. 34)

Tomei as categorias propostas por Braga (2012) como orientação relevante para esta pesquisa.

Figura 1 – Dimensões da humanização propostas por Braga (2012)



Fonte: Braga, 2012, p.36

A categorização e a representação gráfica facilitam a visualização global da questão da humanização. Contudo, há mais interseções entre uma dimensão e outra do que seria possível categorizar ou representar graficamente

Segundo Braga (2012), a **dimensão antropológica** está relacionada à historicidade, isto é, o ser humano enquanto sujeito histórico. Como ser inacabado, o ser humano é construído e se reconstrói historicamente. Atuando na história, o ser humano constrói o sentido de humanidade e almeja “Ser Mais”.

A **dimensão pedagógica** se refere à dialogicidade dos seres humanos com o mundo e uns com os outros. Existimos na interação com o mundo e uns com os outros, somos seres de relações.

O diálogo contribui para o conhecimento da realidade em suas múltiplas situações e causalidades ao estabelecer relações entre sujeito e contexto, sujeito e sujeito, pensar e fazer, teoria e prática, reflexão e ação, contributo para a humanização do sujeito. (Braga, 2012, p. 40)

A **dimensão ético-política** está relacionada à autonomia dos seres humanos, na nossa capacidade criativa, que nasce da nossa curiosidade e proporciona a intervenção na cultura e a luta coletiva pela liberdade.

Como tarefa intelectual, cuja conquista se faz no coletivo, a liberdade é “partejada” no movimento de busca e avaliação constantes. É a partir dela e em função dela que ocorre a mobilização, que se dá pela via da organização e integração como classe, contribuindo para a criação e recriação da história humana. (Braga, 2012, p.45)

Na situação concreta de opressão desumanizadora, o processo de humanização acontece na luta pela libertação dos oprimidos. Esta luta é constante, o ser humano sempre pode vir a “Ser Mais”. Os obstáculos desta luta, conhecidos como “situações-limite”, ao invés de nos paralisar, nos engajam ainda mais na luta pela libertação. Citando Vieira Pinto (1960), Freire (2020) destaca que:

[...] as “situações-limite” não são “o contorno infranqueável onde terminam as possibilidades, mas a margem real onde começam todas as possibilidades”; não são “a fronteira entre o ser e o nada, mas a fronteira entre o ser e o ser mais” (Freire, 2020, p.125)

Neste sentido, a educação e a ação cultural libertadoras são possibilidades para a transformação humana. Se libertadoras, evidente, não são “doutrinadoras”, pois respeitam a autonomia e a liberdade dos indivíduos no processo. A liberdade não pode ser “depositada” tal qual os conteúdos e ideologias são na prática “bancária”. Por isso, a ação libertadora não acontece de um sobre o outro, pois “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.” (Freire, 2020, p.71).

Para se libertar, os seres humanos devem tomar consciência da realidade opressora . A conscientização é um processo de aprendizado que leva à superação da ingenuidade pela criticidade. Utilizando as categorias de Braga (2012), podemos dizer que a dimensão antropológica reside na transitividade da consciência, ela se transforma ao longo do tempo. A dimensão pedagógica está no processo de conscientização que só acontece em comunhão. Já a dimensão ético-política se relaciona com a insaciedade de nossa curiosidade que não se restringe ao intelectualismo individualista, mas na escolha que assumimos em conhecer o mundo para transformá-lo.

E como o processo de humanização pode se dar no cotidiano das pessoas, em sua relação consigo mesmas, com os outros e com o mundo? É o que procuraremos responder no próximo capítulo ao tratarmos do projeto Possibilidades realizado de 2022 a 2024 na Ilha do Governador, Rio de Janeiro.

3 O COLETIVO POSSIBILIDADES

*Ilha do Governador e sua biblioteca
Já na sua porta de entrada
sempre nos dando boas vindas*

*As exposições de mais vários tons
Multiplicando artes
de trajetórias
e caminhos diferentes
se unindo
e se reunindo(...)*

(Frida)⁴

Em 2022, Alexandre Henrique, artista plástico, foi convidado a expor na Biblioteca Euclides da Cunha no Cocotá, bairro da região administrativa da Ilha do Governador, Rio de Janeiro. Em conversas com a diretora da biblioteca, Deolinda Avelar, Alexandre sugeriu estender este convite a diversos artistas da Ilha do Governador. Além da exposição coletiva, surgiu a ideia de saraus semanais. Os convites foram feitos de maneira informal e, em outubro de 2022, nasceu o projeto Possibilidades.

Rapidamente, o projeto se incorporou à agenda permanente da biblioteca. De forma voluntária, o movimento foi crescendo, agregando artistas de diversas linguagens como artes plásticas, artesanato, teatro, fotografia, cinema, poesia e música, além de militantes e ativistas de diversas frentes de luta, tais como a agroecologia, saúde mental e combate às opressões. Além disso, o movimento passou a zelar pelo espaço público, realizando mutirões de pintura e plantio dentro da biblioteca.

O coletivo atuou na biblioteca até o início de 2024, quando a biblioteca passou para gestão privada, via concessão pública para o SESC. Ainda há muita incerteza sobre como será a atuação do coletivo junto à atual gestão da biblioteca, mas o coletivo segue realizando saraus em outros espaços públicos e privados.

⁴ Frida é bacharel em cinema, escritora e artista participante do coletivo Possibilidades. O texto completo está disponível no instagram “Crônicas da Frida”. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cj5z3XQp2XN/?igsh=M2g3MzNjaXJqd3Bx> Acesso 21.ago.2024.

3.1 Antecedentes: A Agrofloresta do Cocotá

O coletivo Possibilidades nasceu em 2022 dentro da Biblioteca Euclides da Cunha, mas ele é fruto de outros coletivos que já existiam e atuavam na Ilha do Governador, sobretudo, no Aterro do Cocotá.

O Parque Manuel Bandeira, mais conhecido como Aterro do Cocotá, é uma região de importante atuação de coletivos político-culturais da Ilha do Governador, tais como a Agrofloresta do Cocotá, a Casa Frida, o Soul Pixta, o Coletivo CCT, o Insulfilme, dentre outros.⁵ Além disso, o parque conta com equipamentos culturais como a Areninha Carioca Renato Russo e está localizado ao lado da Biblioteca Euclides da Cunha, local central de nosso estudo. O coletivo Possibilidades foi, portanto, a intervenção destes coletivos urbanos dentro do equipamento público. Em especial, podemos dizer que o Possibilidades foi um braço cultural do coletivo conhecido como Agrofloresta do Cocotá. Por isso, para entender como nasceu o Possibilidades e suas características ético-políticas, precisamos falar sobre a Agrofloresta do Cocotá.

Em 2017, a TV Globo realizou, no Aterro do Cocotá, um evento chamado “Programão da Ilha”. A proposta era “promover maior sinergia entre os artistas do bairro e estimular a realização de outros projetos culturais”. Neste dia, moradores plantaram mudas e sementes em um grande canteiro ocioso no centro do parque (Pereira, 2022, p.16). Nos dias que sucederam ao evento, de forma voluntária, moradores da Ilha, começaram a se revezar para cuidar das plantas e do espaço. Assim nasceu a horta comunitária do Cocotá.

O engajamento coletivo, em forma de autogestão, criou uma rede muito importante de saberes, possibilitando o intercâmbio entre os saberes ancestrais, populares e acadêmicos. Com o passar do tempo, o movimento foi transformando o espaço que passou a adotar o sistema agroflorestal, que é a união da prática agrícola com a floresta. A arquiteta e militante, Beatriz Kempf, relata em seu TCC:

Em geral, pode-se considerar que a mudança para prática agroecológica foi resultado das experiências pessoais somadas à constatação da pobreza de nutrientes do solo de aterros, necessidade de uma mudança ecológica na comunidade e da disseminação de práticas agrícolas sustentáveis no meio urbano. (Pereira, 2022, p.16)

⁵ Casa Frida: É um coletivo que promove atividades artísticas e educativas para crianças, como contação de histórias, oficinas e piqueniques. O coletivo circula pela Ilha do Governador numa kombi hippie chamada Frida; Soul Pixta: é um coletivo que promove eventos de rap na pista de skate do Aterro do Cocotá; Coletivo CCT é o coletivo de skatistas do Cocotá; Insulfilme é um cineclube que projeta filmes em locais públicos.

Interessante notar como ação e reflexão têm caminhado juntas na vivência do coletivo. Buscando superar uma situação limite, a dificuldade de plantar no aterro, o coletivo foi enraizando conceitos agroflorestais. O que antes era um canteiro abandonado, se torna a Agrofloresta do Cocotá.

Atualmente, o local é marcado por atividades agroecológicas, como cultivo, compostagem e manutenção, atividades pedagógicas de educação ambiental e atividades culturais. A arte sempre esteve presente, seja nas cantorias em roda, nos trabalhos manuais, ou nas pinturas e enfeites do espaço. Devido à sua localidade estratégica e à arquitetura, o espaço se tornou um aconchegante ponto de encontro. Com isso, a Agrofloresta do Cocotá se consolidou como um coletivo agroecológico e cultural.

Figura 2 - Agrofloresta do Cocotá.



Fonte: Acervo Agrofloresta

Em 2022, um dos membros do coletivo Agrofloresta do Cocotá, o artista plástico Alexandre Henrique, recebeu um convite para expor suas obras na Biblioteca Euclides da Cunha. Movido por um senso de coletividade, e buscando agregar diversos artistas da Ilha, Alexandre sugeriu à Deolinda Avelar, então administradora da biblioteca, fazer uma

exposição coletiva. O contato com os artistas que já participavam da Agrofloresta do Cocotá foi o que possibilitou o sucesso imediato do sarau e exposição Possibilidades.

3.2 Antecedentes: A Biblioteca Euclides da Cunha

Antes de seguir o relato sobre o nascimento do Possibilidades, é preciso falar brevemente sobre a biblioteca do Cocotá. A Biblioteca Municipal Popular Euclides da Cunha foi inaugurada em 1965 numa pequena casa de 35 m². Em 1996, foi transferida para a Praça Danaides no Cocotá num espaço de 1.418 m², projetado pelo arquiteto Carlos Porto. A transferência, e conseqüente melhoria da Biblioteca, foi fruto de uma persistente luta dos funcionários e moradores da Ilha do Governador.

Os moradores da Ilha possuem uma relação afetiva muito bonita com a biblioteca. Lá, muitos tiveram acesso à internet pela primeira vez, estudaram para concursos, desenvolveram trabalhos e projetos. Entretanto, nos últimos anos, a biblioteca vinha sofrendo com a falta investimento público, prejudicando a estrutura física, especialmente dos banheiros, e a conservação do acervo. Embora a biblioteca seja localizada num lugar estratégico da Ilha, o descaso do poder público muitas vezes inviabilizou as potências do espaço. Infelizmente, era comum ouvir relatos de moradores que desconheciam a biblioteca. A verdade é que a biblioteca resistia na força e empenho de seus funcionários, em especial da então diretora Deolinda Avelar que, desde 1982, esteve na luta pela biblioteca da Ilha.

O descaso do poder público, somado à pandemia da COVID 19, agravou ainda mais a situação da biblioteca. Foi neste contexto, em 2022, quando as atividades presenciais voltavam à “normalidade”, que Deolinda convidou, de maneira informal, o artista plástico Alexandre Henrique para expor na biblioteca. Nascia a exposição coletiva Possibilidades.

3.3 Possibilidades: o evento que se tornou coletivo

A ideia inicial era convidar diversos artistas insulanos para expor durante um mês na biblioteca. Nas sextas-feiras, enquanto durasse a exposição, haveriam saraus. Alexandre Henrique entrou em contato com Alexandre Lima, companheiro de Agrofloresta. Militante e poeta, Alexandre Lima ficou responsável por organizar a programação dos saraus. Os convites foram feitos de maneira informal, sem nenhuma

barreira para seleção dos artistas. Todos que quisessem participar seriam bem-vindos. Assim, de maneira livre e coletiva, as pessoas foram convidando umas às outras e o movimento foi crescendo.

O nome Possibilidades remete à diversidade artística, pois a ideia era englobar todas as linguagens artísticas. Além disso, este nome também é simbólico do ponto de vista subjetivo e coletivo. Segundo Alexandre Henrique: “Tudo é possível! Não consigo imaginar que exista alguma coisa que não possa ser. Qualquer coisa! Eu tenho as minhas coisas, acredito que você tenha as suas, e cada um tem as suas possibilidades. É só acreditar mesmo”. (Entrevista)

De maneira horizontal, os militantes da Agrofloresta passaram a organizar as exposições e saraus, cuidando do espaço da biblioteca, produzindo, artesanalmente, cartazes com lonas reutilizadas. A Agrofloresta foi determinante para a conduta ético-política do evento: a autogestão com consciência sócio-ecológica. Segundo Alexandre Henrique, em entrevista concedida ao autor desta monografia:

A Agrofloresta estava o tempo inteiro. A gente só deu mais um passo: da agrofloresta para a biblioteca, mas voltamos para a agrofloresta, e depois voltamos para a biblioteca. Ficou indo e vindo. Tanto é que a gente queria fazer a agrofloresta dentro da biblioteca também. Até vir o SESC e tirar a macieira, tirar o limoeiro, tirar a acerola... (Alexandre Henrique)

Figura 3. Cartaz colocado pelo coletivo na Biblioteca



Fonte: Acervo Possibilidades

Os saraus foram importantes pontos de encontro onde muitos passaram a se conhecer pessoalmente. Além disso, havia uma preocupação com a alimentação das pessoas e, por isso, o lanche coletivo fez parte da programação dos saraus. Como a ação era voluntária, cada um levava o que podia para o lanche. Durante algum tempo, também

houve apoio do comércio local com doações de lanches, mas majoritariamente era o coletivo que se auto-sustentava. A prática coletiva uniu os artistas, os funcionários da biblioteca, organizadores e o público, construindo uma relação de cumplicidade e pertencimento.

As exposições ocupavam o salão principal e as apresentações artísticas eram divididas em dois momentos. A primeira parte no setor infantil da biblioteca, a Biblioteca Infantil Elbe de Holanda, e a segunda no auditório principal do segundo andar. Havia, portanto, uma relação com a totalidade do espaço físico da biblioteca que foi se tornando “a nossa casa”.

A programação diversa contava com poesias, música ao vivo, improvisações poético-musicais, dança, contação de histórias, palhaçaria, teatro, performance drag queen, palestras, debates, projeção de curtas produzidos pelos coletivos participantes, dentre outras atividades. Por sua vez, as exposições contemplavam quadros, poemas, desenhos, pinturas, esculturas, fotografias, maquetes, quadrinhos, artesanatos, etc. A criação artística acontecia durante o próprio evento. No sarau, por exemplo, havia um cavalete com papel jornal próximo ao palco, onde artistas registravam em desenhos o que estava acontecendo. Além disso, havia um espaço na exposição reservado às artes produzidas pelas crianças.

Realizamos 3 edições neste formato com a participação de dezenas de artistas, em sua maioria, moradores da Ilha do Governador.

Figura 4 - Fotos do evento





Fonte: Acervo Possibilidades

Com o tempo, o evento Possibilidades foi agregando diversos outros coletivos políticos e culturais. A união e a vontade de compartilhar arte fez surgir grupos como a Oficina de Teatro do Agrofloresta, a improvisação poético-musical e a Banda da Agrofloresta. Além disso, foi produzido um curta metragem sobre o evento.

Podemos dizer que, depois de um tempo, quando nos referíamos ao Possibilidades, não estávamos nos referindo apenas ao evento que acontecia na biblioteca, mas sim ao coletivo Possibilidades. Essa noção se amplia após o término das três primeiras edições. Isso porque, passadas as três edições, a vontade de seguir atuando na biblioteca era tanta que o coletivo passou a ocupar a biblioteca praticamente toda semana.

A terceira edição do movimento aconteceu em março de 2023. Neste mês, é celebrado o dia internacional das mulheres. Esta edição foi um divisor de águas para a sequência do coletivo. Isto porque, para contemplar a temática do mês, artesãs foram convidadas a se unir ao evento. As mesas foram improvisadas como barracas e as artesãs puderam expor e vender seus produtos.

Neste momento, os saraus, que antes eram às sextas de 18h às 21h, passaram para os sábados de 9h às 17h. Isso também foi bastante significativo, pois alterou a dinâmica de alimentação coletiva. Para passar o dia inteiro no evento, não bastava o lanche coletivo pela manhã, seria necessário organizar um almoço.

Com a necessidade do almoço e a preocupação em incluir as artesãs no evento, os saraus passaram a ser numa área mais aberta da biblioteca, mais visível a quem estivesse passando na rua. Assim, as artesãs poderiam vender seu trabalho e não ficariam distantes das apresentações artísticas. Por causa dessa proximidade com o público externo, os

saraus passaram a ser frequentados por pessoas em situação de rua que tinham ali a oportunidade de curtir e almoçar de graça.

A gente já tem essa ideia desde a Agrofloresta. Já fazia lá e a galera que chegava comia. Porque a gente não tem essa de ficar excluindo “quem vai comer e quem não vai”, não existe isso na nossa cabeça. Pelo menos ali no nosso grupo não tem... ou tem bem pouco. Mas eu vejo que a gente sempre esteve nessa luta porque a gente planta o alimento, a gente sabe colher, a gente sabe como fazer comida, vamos dizer “alternativa”, com pães e tal. Era coisa que a gente queria explorar lá dentro, botar a galera pra se alimentar(...) A ideia era ter comida pra todo mundo. (Alexandre Henrique)

Figura 5 - Fotos dos saraus aos sábados



Fonte: Claudio Fagundes

O saber acumulado pela Agrofloresta do Cocotá era posto em prática nos almoços. Na medida do possível, usávamos alimentos produzidos pela própria agrofloresta, como pães nas saladas e receitas com chaya - planta símbolo da Agrofloresta do Cocotá. Além disso, a sobra de alimento era destinada à compostagem. Materiais descartáveis também eram evitados ao máximo e destinados à reciclagem.

A gente não pode deixar uma pegada ecológica degradante. O que a gente consome, a gente não pode jogar pra trás e fingir que nada aconteceu. Então, por exemplo, se a gente se alimentou, o resto do alimento tinha que ir para a composteira, não para um saco de plástico, amarrar e colocar pra Comlurb

enterrar em algum lugar. Isso é o “normal”, né!? Mas não era pra ser. Então, não tinha plástico por causa disso, queríamos direcionar. O resíduo orgânico para a composteira, o plástico, se houvesse, tinha que ser reciclado. A gente conseguiu colocar tudo de vidro, prato, copo e os talheres de ferro. (Alexandre Henrique)

Figura 6 - Salada com panes colhidas na Agrofloresta do Cocotá e almoço coletivo.



Fonte: Claudio Fagundes

A preocupação com o almoço coletivo, gratuito e para todos, motivou ainda mais o coletivo a seguir atuando na biblioteca. Por isso, praticamente todo fim de semana, de março de 2023 até início de 2024, o coletivo Possibilidades esteve presente na Biblioteca Euclides da Cunha e na vida de tantas pessoas que viam ali como um espaço de acolhimento. No início de 2024, a Biblioteca Euclides da Cunha passou para a gestão do SESC, interrompendo todo trabalho popular e coletivo produzido pela sociedade civil no espaço público.

Figura 7 - Último sarau realizado na Biblioteca Euclides da Cunha.



Fonte: Acervo Possibilidades

Embora o coletivo Possibilidades tenha crescido e se solidificado na relação com a Biblioteca Euclides da Cunha, nossa atuação não se limitou àquele espaço. Além dos saraus e exposições realizados na biblioteca, podemos destacar a parceria com o Espaço Cultural Rose Baiana⁶ e a realização de duas festas juninas em praça pública, em 2023 e 2024, com música ao vivo e alimentação gratuita.

Figura 8 - coletivo Possibilidades



Fonte: Acervo Possibilidades

⁶ Um quintal suburbano transformado em espaço cultural por Rose Baiana e Vaninha.

4 A HUMANIZAÇÃO COMO POSSIBILIDADE

(...)
*A Raíz da história
O humano.*

*Nutri o bioma teu.
Sustenta o bioma nosso.
E cultiva o tudo para todos*

*E germina
A cultura “Praça”
Onde se diz:
“A praça é tudo na gente.
Vermelha, brilha e é a face das
pessoas que se alinham em si.”*

(Alexandre Lima)⁷

Neste capítulo, refletirei sobre a relação entre a prática do coletivo Possibilidades e o processo de humanização descrito por Paulo Freire. Para isso, utilizarei a categorização de Braga (2022) como uma ferramenta de análise da prática comunitária e artística, dando destaque para a prática musical do Possibilidades. A minha percepção enquanto participante das experiências descritas no capítulo 3, se apoia nas atas de três reuniões do coletivo, bem como na entrevista concedida por Alexandre Henrique, um dos idealizadores do movimento.

4.1 ImPossibilidades: A pandemia e o sucateamento de um equipamento público

Paulo Freire fala de situações limite como desencadeadoras de ações humanizantes. No caso específico, podemos destacar duas situações limite: a pandemia e o abandono do poder público.

A pandemia estabeleceu uma clima de medo constante da morte e, por medidas de segurança, restringiu o contato presencial entre as pessoas. Artistas tiveram que se reinventar para seguir atuando remotamente e muitos ficaram sem emprego. Soma-se a isso, as campanhas negacionistas e o crescente número de *Fake News*. Sobre a pandemia de COVID-19, Alexandre Henrique relata:

A gente estava sofrendo muito (...) Hoje em dia eu olho para trás e me parece que naquele momento a gente estava sofrendo tanto que era desesperador,

⁷ Alexandre Lima é ator, poeta participante do coletivo Possibilidades. O poema se chama “Coltrane” (Lima, 2023, p.123-124).

parece que o que aconteceu foi fruto do desespero, sabe!? (Alexandre Henrique)

Portanto, os saraus e exposições coletivas foram uma forma de resposta a esse sentimento de urgência de ação. Urgência de encontros presenciais, urgência de práticas coletivas, urgência de expressão e de acolhimento. Em reuniões com o coletivo, os participantes relataram como a nossa atuação na biblioteca também funcionava como uma espécie de “cura coletiva”.

No dia 23 de outubro de 2023, um ano após a primeira ocupação cultural na biblioteca, o coletivo se reuniu para uma autoavaliação e para pensar novas estratégias de atuação. Nesta reunião, foi destacada a importância da coletividade e da arte no processo de “cura”. Embora o conceito de “cura” não tenha sido totalmente categorizado, pelo menos não de forma formal, havia nas entrelinhas das falas o seu significado: a **conscientização** por meio da reconexão com a natureza, a afirmação da coletividade pautada no afeto e na diversidade, a ação transformadora. Além disso, as questões de saúde mental também estiveram presentes:

Não excluimos ninguém, seja a pessoa em situação de rua ou em profunda depressão (...) não vamos excluir nenhuma pessoa do nosso convívio, estamos aqui para cuidar das pessoas, esse é um dos nossos trabalhos. Acolher todos! (Destaque da ata da II Reunião Possibilidades, 2023)

Todas essas questões têm raízes muito mais profundas do que a pandemia do COVID-19. Elas estão diretamente relacionadas à forma como os seres humanos estão submetidos no sistema capitalista e, mais especificamente, na sua versão neoliberal. Contudo, todas essas questões se aprofundaram na pandemia da COVID-19, pois foi um momento de explosão das contradições das políticas neoliberais que levam à desumanização dos seres humanos.

Na perspectiva neoliberal, o Estado abre mão de sua responsabilidade pública, privatizando seus deveres. As empresas detentoras das concessões atuam na lógica do lucro e não do direito. Como consequência da aplicação da agenda neoliberal, destaco o segundo ponto que pode ser classificado como situação limite: o sucateamento da biblioteca Euclides da Cunha.

Como dito anteriormente, a biblioteca sobrevivia do empenho extraordinário de seus funcionários, mas se formos pensar na relação institucional com o poder municipal, responsável pelo equipamento público, podemos dizer que havia uma situação de abandono. Os banheiros estavam em situação precária, não havia equipamento de som

para realização dos eventos, reformas estavam carentes. Soma-se isso à falta de políticas públicas de cultura direcionadas à Ilha do Governador.

A necessidade de encontros presenciais e a carência de equipamentos e atividades culturais na Ilha do Governador motivou a conscientização coletiva de que era preciso agir: “se a gente não fizer, ninguém vai fazer” (Alexandre Henrique).

Em sua obra, Freire classificou três estados da consciência. A consciência intransitiva é o primeiro estado. Nele, os seres humanos têm uma visão mágica e supersticiosa do mundo. No segundo estado da consciência, os seres humanos são capazes de captar certo nível da realidade, mas de forma ingênua, acreditam que as coisas são imutáveis, subestimam os seres humanos, trata o particular como universal, é extremamente passional, tendendo ao fanatismo ou sectarismo (Freire, 2023, p.53). A transitividade da nossa consciência é o que permite caminhar para a consciência crítica. Nela, os seres humanos não se contentam com as aparências, pois buscam a essência das questões. Radicalizam-se, isto é, buscam a raiz dos problemas. Entendem-se como capazes de transformar a realidade, repelem o fatalismo, buscam despir-se de preconceitos, é inquieta, curiosa, investigativa (Freire, 2020, p.53-54). Ela não nunca se satisfaz, pois sempre é possível aprofundar a crítica para superar os resquícios da consciência mágica e ingênua que existem em todos nós.

Essa consciência crítica de que a ação coletiva é transformadora, presente no grupo Possibilidades, aflorou, sobretudo, nas experiências prévias da Agrofloresta do Cocotá. Nossas atividades na biblioteca foram um passo a mais. Por isso não podemos falar de um coletivo sem falar do(s) outro(s). Nada surge espontaneamente, tudo é fruto de lutas e processos históricos coletivos. A proposta de montar uma exposição coletiva foi, portanto, um traço dessa consciência, a consciência do “nós”.

Se por um lado o sucateamento da biblioteca dificultou a nossa atuação, por outro, fortaleceu a comunhão entre os participantes. A falta de equipamentos de som para realização dos eventos, exigiu união do grupo, seja nas vaquinhas, seja na disciplina e consciência necessária de que era necessário ser coletivo para funcionar. Para que o evento pudesse ocorrer, cada um levava o que podia: instrumentos, caixas, microfones, tintas, papéis, etc. Além disso, a desburocratização permitiu maior liberdade de atuação no espaço. Segundo Alexandre Henrique: “Isso deixou todo mundo à vontade e gerou um respeito muito legal”.

Podemos dizer que Possibilidades foi uma ocupação cultural, fizemos mutirões de pintura, realizamos pequenos consertos da estrutura física, plantamos, limpamos, enfim,

cuidamos do espaço. Os participantes passaram a frequentar a biblioteca para além dos dias de eventos, seja para realização destas atividades de cuidado, seja porque a biblioteca se tornou um ponto de encontro e acolhimento. Além disso, redes de apoio se formaram em campanhas, conversas e vaquinhas solidárias para os participantes que estivessem passando por alguma dificuldade de nível pessoal, profissional ou financeiro.

4.2 Possibilidades artísticas para o processo de humanização

Como pudemos ver, embora o coletivo tenha se reunido com a intenção de promover a arte na biblioteca, podemos dizer que a arte não foi um fim em si mesma, mas um meio que permitiu e engajou a ação coletiva. Havia no grupo a visão crítica da arte como ferramenta de reflexão e transformação. A arte como “cura” da nossa desumanização. Desumanização presente na nossa relação predatória com a natureza, nas diversas formas de opressão: classista, racista, patriarcal, LGBTQIA+fóbica, capacitista, e na visão preconceituosa contra as pessoas em situação de rua ou em sofrimento psíquico.

Através da arte e cultura, o coletivo buscou promover reflexões sobre a sociedade e a natureza. Tais reflexões vão de encontro com a ideia de Paulo Freire sobre a integração humana com o mundo, estamos no mundo e com o mundo. Em entrevista ao programa “Encontro Marcado”⁸ o poeta Mário Quintana diz:

“A poesia, para mim, não é uma fuga da realidade, como as pessoas pensam. É um aprofundamento da visão da realidade (...) A poesia, para mim, é um instrumento de reconhecimento do meu mundo, do mundo dos outros e, talvez, dos outros mundos.” (Mário Quintana)

Segundo Ana Mae Barbosa: “A arte tem enorme importância na mediação entre os seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a arte/educação: ser a mediação entre a arte e o público” (Barbosa, 2008, p. 13).

A autora acrescenta:

A arte, como uma linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica. O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (Barbosa, 2008, p.21)

Em entrevista, perguntei a Alexandre Henrique qual era o papel da arte:

⁸ Programa da TV Educativa Piratini (RS) dos anos 1990.

Despertar! Está todo mundo muito na superfície, vivendo as coisas muito rápido, não pensando nem aqui, nem ali. “- Ta aqui, ta bom”. Não tá bom! A humanidade não pode achar que matar um monte de gente por dia é normal. Isso não passa pela minha cabeça, não é normal, estamos sofrendo demais. Tem muita coisa errada (...) As pessoas não reparam em nada, é desesperador. Por isso a arte tem que existir para ir despertando, não consigo dizer de outra forma: é despertar. A arte no geral! Todo tipo de arte pode causar reflexão nas pessoas: a música, que é revolucionária... tudo: teatro, cinema, dança... (Alexandre Henrique)

A apreciação das diversas linguagens artísticas integradas pode promover o maior aguçamento de sentidos na medida em que lida com estímulos diversos. Entretanto,

Se o valor da obra de arte se coloca por um lado nos domínios do prazer e da beleza, por outro não escapa da mercantilização. A possibilidade de acesso ao prazer e à beleza está presa à condição de pagar pelo seu preço. Isto significa que, do mesmo modo que o consumo de produtos que atendem às necessidades básicas de sobrevivência (como alimentação, saúde, habitação...), os produtos da arte se apresentam como mercadorias. (Trojan, 1996, p.88).

A arte, em si, não é neutra. Assim como a educação, ela está dentro da estrutura social-política. Sendo assim, ela pode ser utilizada como ferramenta de invasão cultural ao reproduzir a ideologia dominante como modelo a ser seguido. Por outro lado, ela pode ser libertadora ao “despertar” nos seres humanos a nossa vocação ontológica de “Ser Mais”. Em outras palavras, ao despertar nossas **possibilidades**.

A arte nos toca e emociona porque ela é uma expressão humana (Trojan, 1996, p.89). Ela revela nossas subjetividades e nossa história.

A beleza e a feiura do mundo, a realidade e o sonho, fazem parte da arte. A obra artística, enquanto objeto produzido pelo homem, revela o próprio homem - quem ele é e o que pretende ser, aquilo que faz e o que pretende fazer, aquilo de que gosta e o que lhe desgosta, o que lhe dá prazer e o que causa dor. O subjetivo torna-se objeto e o objeto remete ao sujeito. (Trojan, 1996, p.90)

Assim, a arte promove a abstração através da auto objetificação dos seres humanos, marca da **transcendência**, descrita por Freire. Como linguagem, também atua na “pronúncia do mundo”, “leva a refletir, compreender a realidade humana na sua totalidade” (Trojan, 1996, p.90). “O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*”. (Freire, 2020, p. 108. Grifo do autor).

Para que não caiamos no idealismo, a compreensão da realidade humana, promovida pela arte através das emoções, não deve se restringir à apreciação estética passiva. “*Ad-mirar*” a arte no sentido freireano seria uma apreciação ativa que se reinventa e proporciona um engajamento no mundo. Em entrevista com Alexandre Henrique, ele recorda uma citação (não literal) do filme *O Fabuloso Destino de Amelie*

Poulain para refletir sobre o papel de sua arte reciclagem: “Quando alguém aponta a direção, o imbecil olha pro dedo”. A arte aponta um caminho. Esse caminho não deve ser contemplado de forma passiva, deve ser seguido e construído pelo próprio caminhar. Como diria a canção: “É caminhando que se faz o caminho”.⁹ Freire acrescenta: “É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar” (Freire, 1997, p.79).

Braga (2012), ao analisar a obra de Paulo Freire, apresentou as seguintes categorias, as quais retomaremos adiante, aprofundando-as: a **dimensão antropológica**, a **dimensão pedagógica** e a **dimensão ético-política**.

Como vimos, a arte proporciona a auto objetificação dos seres humanos. O olhar para si, para o mundo e para a história. Esse olhar permite o vislumbre dos possíveis caminhos a serem seguidos pelos seres humanos na sua busca em “Ser Mais”. Seguindo as categorias de Braga (2012), essa é a **dimensão antropológica** da humanização. Muitas das performances artísticas do coletivo Possibilidades refletiam essa questão. Era comum brincarmos com o simbolismo do nome: Possibilidades reflete o “Ser Mais” descrito por Freire (2021a).

Além disso, a arte cimentou as relações, criou laços e potencializou o engajamento coletivo. Em reuniões era comum ouvir o quanto aquele movimento estava transformando vidas.

Todo mundo se transformou! Eu gosto de imaginar que foi por transformação própria. No sentido de que eu não estava ali para obrigar você fazer as coisas (...) Não. Eu só queria que você estivesse aqui. Cada um faz o que quer (...) e depois eu fui ouvindo que o Possibilidades foi transformador para as pessoas. Não sei qual foi a transformação, mas se transformou, esse era um dos objetivos. A transformação a gente imagina que é pra melhor! Esse é o ideal. Através da arte pregar o respeito ao próximo, refletir sobre alimentação, tudo! (Alexandre Henrique)

A **dimensão pedagógica** se fez presente no estímulo à participação criativa através da arte. Pessoas que nunca haviam subido em um palco foram incentivadas a interpretar e criar. Havia pessoas responsáveis pela organização da programação dos saraus, mas a programação sempre esteve aberta à sugestão e participação de todos. Poemas, teatro, dança, pinturas, artes plásticas, cinema, música, contação de histórias, aulas, reflexões, debates, entrevistas, desfiles... tudo era incentivado.

⁹ “*Enquanto Houver Sol*”, composta por Sérgio Britto da banda Titãs.

A **pluralidade**, expressa pelas artes e no incentivo à criação e auto expressão, proporcionou a sensação de pertencimento. A diversidade, existente nas subjetividades e expressa pelas linguagens artísticas, era celebrada, pois nos enriquecia. A diversidade existiu também dentro de uma mesma linguagem artística, por exemplo, na música tivemos forró, rap, rock, gospel, samba, música clássica, experimental, instrumental, improvisação, dentre outros. Não havia espaço para elitismo cultural.

Toda obra de arte é política e, por isso, é capaz de provocar a **crítica** nos seres humanos. Uma escultura feita de material reciclado não precisa vir acompanhada de um texto explicativo ou um discurso para provocar uma reflexão sobre a nossa relação com a natureza. O cerne da questão está colocado, ele pode, ou não, ser captado pelo público. O processo de *ad-miração* de uma obra de arte é também um processo educativo. As obras podem ser revisitadas e repensadas, isto porque a obra de arte não se esgota em si, ela se relaciona com o mundo, a sociedade e nossas subjetividades.

O exemplo anterior sobre a questão ambiental não foi por acaso. Essa foi uma das principais bandeiras do coletivo Possibilidades. Por ter sido braço cultural do movimento agroflorestal, a questão ambiental foi destaque em diversas performances e trabalhos. A palavra “agrofloresta” foi mencionada diversas vezes.

Esse nome tinha que ser dito o tempo todo. Até mesmo para as pessoas perguntarem o significado “- que palavra é essa?” Era a oportunidade para explicar. Quando chegamos na biblioteca, levamos essa questão. (...) A gente estava ali pra isso: pra levar o que a gente sabia. O que não iriam fazer pela gente. São coisas que não passam na televisão toda hora, às vezes numa materiazinha às 6h da manhã... Por isso a gente sabia que tinha que fazer esse trabalho. E acho que fizemos. Fizemos um bom trabalho neste sentido. Dentro das condições. (Alexandre Henrique)

A **conscientização** sobre a questão agroflorestal traz, em si, a denúncia de um modo de produção predatório e monocultor. O “Agro é pop” tem sido o slogan de uma visão de desenvolvimento que desconsidera a natureza e, por consequência, a própria humanidade. Através da arte, gratuita e para todos, o coletivo buscou gerar reflexões e ações transformadoras. Tal característica demarca a **dimensão ético-política** do Possibilidades.

4.3 Possibilidades musicais: a Banda da Agrofloresta e a prática musical coletiva

Todas as linguagens artísticas foram relevantes para o sucesso da ocupação cultural na Biblioteca Euclides da Cunha. Sem a exposição, não haveria o sarau, sem os poetas, não haveria os músicos, sem os músicos, não haveria a dança, etc. Como não é

possível aprofundar o debate específico sobre cada uma delas, buscarei refletir sobre o papel da música, levando em conta a minha participação enquanto músico no movimento cultural.

A música teve um lugar especial nas práticas artísticas do coletivo Possibilidades. Isso porque a música proporcionou maior coletivização da prática artística. Havia apresentações solo e apresentações de bandas, mas também havia momentos de improviso, momentos onde a música acontecia sem ensaio, momentos onde as pessoas eram convidadas a participar, mesmo que não soubessem tocar um instrumento.

Pessoas que nunca tinham cantando ou tocando, puderam realizar seu desejo e muitos se encorajaram a subir no palco. Surgiram parcerias que se profissionalizaram e hoje tocam em bares e espaços culturais. Surgiu também a improvisação poético-musical e a Banda da Agrofloresta.

A improvisação poético-musical foi uma performance que envolvia poetas e músicos em improviso. Havia um núcleo de pessoas, mas não era uma banda fechada, cada performance continha uma formação diferente. Essa prática já ocorria nos encontros realizados na Agrofloresta. Alexandre Lima, o poeta, escrevia poemas, geralmente de cunho social-político, e interpretava sob uma base instrumental improvisada. Havia momentos de prevalência sonoro-musical e momentos de recitação poética. A ideia da autoralidade era muito importante. O coletivo queria chamar a atenção.

A improvisação poético-musical foi uma sugestão minha. Eu falava pro Alexandre o seguinte (...): “- Cara, a gente tem que fazer um negócio diferente”. É o diferencial que chama atenção, né!? A pessoa tá lá ouvindo voz e violão, tá maneiro, beleza (...) Agora, você passa num lugar que tem uns caras tocando e, de repente, diminui o som e entra uma pessoa declamando um poema; acaba e já entra um solo (...) Eu, particularmente, acho que isso chama atenção. Pra quem tá acostumado, vamos dizer assim, com voz e violão, ou banda, já acha diferente. (...) Isso já acontecia na Agrofloresta. A gente tava lá tocando (...) e ia acontecendo. Tava tocando focado e falava “- Vai Alexandre, declama uma”, aí ele falava um poema em cima e a gente ficava: “-Po, vamos fazer. Tá maneiro”. “-Vambora!” Então isso já tinha acontecido na Agrofloresta (...) a vontade que isso desse certo porque estava claro que ia chamar atenção. No mínimo! Se ia ser bom ou não, não sei... mas ia chamar atenção. Isso foi uma coisa que a gente levou pra lá de propósito mesmo. (Alexandre Henrique)

Apresentar uma performance diferente do que se está habituado pode gerar um choque no ouvinte, ao mesmo tempo, o coloca numa posição mais ativa. As performances improvisadas e “abertas” buscam provocar a curiosidade da plateia, convocando-a para exercícios criativos de interpretação e escuta. Para Freire, a curiosidade tem um papel importante para a educação e a ação cultural humanizadora: “O exercício da curiosidade

convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser.” (Freire, 2016, p.85).

Assim, podemos relacionar o som imersivo e provocativo da improvisação poético-musical com o conceito de “arte relacional”, descrito por Nicolas Bourriaud (Duarte, 2023).

De acordo com Duarte (2023):

A arte relacional é resultado de encontros intersubjetivos e seu sentido é elaborado coletivamente, de acordo com as contingências do ambiente e do público. Sendo assim, a arte não é entendida como um espaço simbólico autônomo e privado. (Duarte, 2023, p. 2)

E acrescenta:

*A interatividade da arte relacional é superior à contemplação passiva e desengajada, pois o trabalho de arte é entendido como uma *forma social* potente para produzir relações humanas. O trabalho de criação é político e tem, como efeito, a emancipação das pessoas envolvidas no processo criativo. Assim como representam momentos de socialidade, os trabalhos de arte são objetos produtores de socialidade. (Duarte, 2023, p. 2-3)*

Figura 9 - Performance poético-musical



Fonte: Acervo Possibilidades

Além da improvisação poética, a Banda da Agrofloresta também foi um exemplo de prática musical coletiva e aberta. É impreciso falar em que momento surgiu a banda, ela já existia no movimento agroflorestral do Cocotá e, por ser também uma banda aberta, teve várias formações. Entretanto, a partir da festa junina de 2023, ela se tornou uma espécie de banda-manifesto dos ideais do coletivo Possibilidades.

Em 2023, meses após a primeira edição do Sarau e Exposição Possibilidades, surgiu a ideia de comemorar a festa junina no Aterro do Cocotá. Na praça há uma estrutura em formato de anfiteatro muito utilizado para práticas esportivas e encontros. Escolhemos este local para nosso evento. A ideia era realizar um evento semelhante aos que

aconteciam na biblioteca, ou seja, com arte e alimentação gratuitas. A diferença é que seria uma festa junina. Para que houvesse música ao vivo, buscamos montar uma banda de forró com todos que estivessem interessados em participar.

Escolhemos o repertório típico, a ideia era realizar um show de dois *sets*. A banda não seria fixa, haveria um rodízio entre os músicos, sobretudo entre os cantores, para que todos pudessem tocar e participar da festa. Fizemos alguns poucos ensaios para adequar os tons das músicas aos cantores e, em julho de 2023, colocamos a banda para tocar na rua.

Um grupo ensaiou as músicas, mas a banda sempre esteve aberta a todos que quisessem participar de última hora. Os ensaios deram uma diretriz básica para que a base fluísse, mas na hora da apresentação muitas pessoas apareceram para tocar junto. O sucesso foi tanto que em 2024 repetimos a festa.

Figura 10 - Fotos das festas juninas 2023 e 2024



Fonte: Acervo Possibilidades

Após o evento, a banda seguiu se apresentando nos saraus na Biblioteca Euclides da Cunha. Foram diversas formações. Por causa da festa junina, o forró seguiu sendo o estilo mais tocado pela banda. Devido a correria do dia-a-dia, os ensaios, que já eram poucos, foram deixando de ocorrer. Chegamos num repertório mais reduzido, porém alinhado com a proposta da banda. Combinamos algumas convenções em músicas específicas, mas os arranjos eram abertos e, por isso mesmo, a banda se tornava convidativa a todos que quisessem tocar, dançar, cantar, etc. Essa interação com o público acontecia na base do improvisado, na espontaneidade

A falta de ensaios, a princípio pode parecer um problema para uma banda, mas soubemos lidar com isso de forma leve e passamos a entender que o nosso principal interesse era promover a integração social a partir da prática musical coletiva. Contrapondo a ideia de ensaio musical, que prioriza o virtuosismo da performance, Filho (2010) fala de encontros de prática musical como espaços de acolhimento “onde a música surge como resultado secundário e decorrente das interações construtivas entre os indivíduos participantes a partir de suas trocas afetivas” (Ariani Filho, 2010, p.184). Assim, o foco passa a ser, não o virtuosismo, mas as pessoas.

(...) é patente a necessidade que as pessoas têm de encontrar um espaço acolhedor, onde possam trabalhar aspectos de seu desenvolvimento humano integral tais como a ampliação da possibilidade de estabelecer trocas afetivas, a possibilidade de manifestar seu jeito próprio de ser socialmente e a expressão de suas idéias. (Ariani Filho, 2010, p. 184)

Por essa característica, a Banda da Agrofloresta foi se tornando uma espécie de manifesto musical do Possibilidades. Fizemos reuniões para debater a dimensão ético-política da banda: a escolha do repertório, as nossas falas entre as músicas, vestimentas, ideias, etc. Tudo deveria estar relacionado com uma postura educativa integradora.

Figura 11 - A Banda da Agrofloresta na Biblioteca Euclides da Cunha



Fonte: Acervo Possibilidades

O amor à natureza e a luta por justiça social eram bandeiras presentes na nossa performance. A música “Baía Viva”, do músico e integrante da Banda da Agrofloresta, Guilherme Baptista¹⁰ é um exemplo disso:

Baía Viva

Eu tentei, eu tentei, eu tentei
Eu queria nadar,
Mas era tanta tranqueira boiando
Difícil de acreditar
E já faz esse tempo todo
Com a promessa de despoluir
O sistema apresenta um defeito
Que não deixa a solução
Emergir

¹⁰ Guilherme Baptista é ambientalista, artista plástico e músico participante do coletivo Possibilidades.

Viva a Baía da Guanabara! Viva!
Viva o “Baía Viva”! Viva!
Queremos a Baía da Guanabara limpa!
Queremos a Baía da Guanabara com vida!

Baía com acento no *i*
Não com assento no mar
Vem que eu quero nadar
E não andar sobre essas águas
O pescador aqui manda um recado
Pro pescador de pescador
Já tá faltando peixe
Ah, não deixemos faltar o amor

Viva a Baía da Guanabara! Viva!
Viva o “Baía Viva”! Viva!
Queremos a Baía da Guanabara limpa!
Queremos a Baía da Guanabara com vida!

Convida aquela menina que falou na reunião
Pra coisa ficar do jeito chama o Sebastião
E aquela galera maneira, não esquece do Moisés
Depois vai ter um peixe bem gostoso lá na Z-10¹¹

Viva a Baía da Guanabara! Viva!
Viva o “Baía Viva”! Viva!
Queremos a Baía da Guanabara limpa!
Queremos a Baía da Guanabara com vida!

E viva as baías vivas! Viva!
E viva a Baía de Ilha Grande! Viva!
E viva a Baía de Sepetiba também! Viva!

(Guilherme Baptista)

A identificação com as questões territoriais da Ilha do Governador também foi uma característica das Possibilidades e, conseqüentemente, da Banda da Agrofloresta. A música “Cocotá”, de Luiz Guimarães e Helena Gonzaga, gravada e interpretada por Luiz Gonzaga se tornou um dos hinos da banda:

Cocotá¹²

De manhã muito cedinho
Lá vou eu para o meu banho de mar
Visto o short, saio correndo
No caminho é só dizendo
Praia boa é Cocotá

Pulo pra lá e pra cá
Não me canso
Sou forte que nem Sansão
Tenho que ser véio macho
Dá fracasso, é muito baixo
Sou caboclo do sertão

¹¹ Colônia de pescadores Z-10, Ilha do Governador.

¹² Do álbum “Luiz Gonzaga a Triste Partida” lançado em 1964.

Chego na beira da praia
Com Helena meu amor
Dou mais de vinte mergulho, opa!
Véio macho! Sim, senhor!
Reumatismo foi embora
Alergia se acabou
Para um banho medicinal
Praia boa é Cocotá
Ilha do Governador
(Helena Gonzaga e Luiz Guimarães)

A identificação com a canção interpretada por Luiz Gonzaga foi grande, pois, o “Rei do Baião” morou na Ilha durante quase 20 anos.

A denúncia da poluição da Baía de Guanabara, somada à lembrança do tempo onde era possível nadar nas praias da Ilha, promovia o vislumbre de toda potencialidade do nosso território. Quem olha para a praia do Cocotá hoje em dia não imagina ser possível um “banho medicinal” em suas águas. O resgate desta memória afetiva serve para nos lembrar e alertar de que ainda é possível transformar a realidade do nosso bairro.

Em reuniões debatemos como era importante, através do repertório, e do discurso, denunciar uma realidade opressiva e, ao mesmo tempo, anunciar a mudança: “a verdadeira utopia implica a dialetização da denúncia e do anúncio” (Freire, 2021b, p.127). Segundo Freire em “Ação Cultural Para a Liberdade” (2021), para denunciar uma realidade é preciso conhecê-la e o anúncio da mudança, que emerge da denúncia, só se viabiliza na práxis. (Freire, 2021b, p.128). Por isso, entendemos que deveríamos anunciar em discurso e prática: “A mensagem que queremos propagar deve ser vivenciada por nós” (destaque da ATA II Reunião da Banda da Agrofloresta).

Além do repertório havia, portanto, uma forma de atuar através da música. As atitudes colaborativas, presentes nas ações do coletivo Possibilidades, apareciam na performance da banda através das dinâmicas coletivas. Para nós, o “sucesso” da performance não deveria ser avaliado do ponto de vista exclusivamente técnico. O mais importante era engajar a plateia. O palco aberto fazia parte da dinâmica. Era comum brincarmos: “a música começa com 5 pessoas e termina com 20”.

“Qual é a banda que deixa todo mundo entrar? Nenhuma! Só a nossa [risos] (...) Dá uma pandeirola na boca no Café ¹³e ele vai tocar” (Alexandre Henrique). A ideia era criar uma sinergia com a plateia para que não houvesse distinção entre banda e plateia. Todos eram a Banda da Agrofloresta. Da mesma forma todos pertenciam ao coletivo Possibilidades. Todos contribuíam à sua maneira, podendo opinar, sugerir e criar.

¹³ Café é um cachorrinho que estava sempre presente.

A dinâmica do lanche coletivo, onde cada um levava o que podia, se estendia para todas as atividades. Na música, cada um emprestava o instrumento que tinha. Na divisão de tarefas, cada um colaborava no que melhor pudesse ajudar. Tal característica remete a analogia do *piquenique*. Duarte (2023) cita que “Bárbara Cassin (1994), filósofa francesa, apresenta a imagem do *piquenique* como a analogia feita por Aristóteles ao conceituar *consenso* ou o *bem para a sociedade*” (Duarte, 2023, p7). Segundo Ariani Filho (2010)

(...) ao contrário de um banquete onde todo o ritual e alimentos estão já pré-definidos e sequenciados a *priori*, um piquenique propicia um encontro profícuo onde ocorre uma troca imprevisível cujo resultado emerge a partir deste encontro; um encontro onde todos participam cada um com sua própria possibilidade de contribuição, mas que resulta em um ambiente envolvente onde todos aproveitam a imprevisível diversidade das contribuições espontâneas. (Ariani Filho, 2010, p. 186-187)

Para além da analogia do “piquenique”, comparo a experiência no Possibilidades com o próprio conceito de agrofloresta. Esta palavra que foi repetida diversas vezes durante nossos encontros possui um simbolismo forte com o coletivo. No sistema agroflorestal cada planta exerce uma função específica que compõe o todo em harmonia. Por exemplo, uma espécie que se adapta melhor ao sol pode fazer sombra sobre outra que não se dá tão bem com o sol excessivo. Da mesma forma, uma árvore pode servir de quebra-vento para outra planta menor, ou uma espécie pode proteger outra do ataque de pragas e doenças. A diversidade torna o sistema sustentável. Assim foi com o coletivo Possibilidades. A monocultura não nos servia. O coletivo só funcionou porque celebrou a diversidade. Cada um trouxe um pouco de si para compor o todo.

Assim, de maneira plural, banda e coletivo foram se constituindo e muitas trocas de saberes ocorreram, pois “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2020, p.95).

A informalidade dos encontros favoreceu a espontaneidade e, conseqüentemente, promoveu a autonomia dos participantes. Simões (2020) relata que “a própria dinâmica da aprendizagem informal induz os sujeitos a estar em constante processo de superação, o que favorece a sua conscientização” e que o exercício da autonomia de aprendizagem desenvolve “habilidades intrapessoais, interpessoais e de interação em grupo” (Simões, 2020, p. 192).

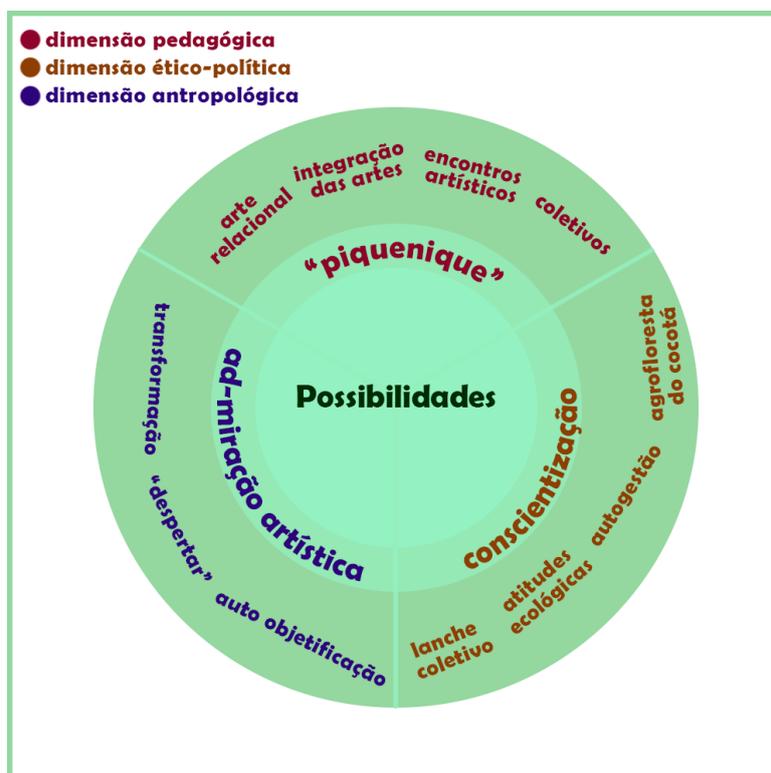
As práticas musicais coletivas, ocorridas durante os encontros e saraus, podem ser relacionadas com uma perspectiva pedagógica-musical. A musicalização era exercitada, não através de aulas de música no formato tradicional, mas através da vivência e da espontaneidade dos encontros. Tal experiência se assemelha à forma como muitos

músicos populares aprendem música. Isso não significa dizer que o objetivo do coletivo fosse formar músicos profissionais. O objetivo era promover a relação com a arte como forma de expressão humana. A arte como parte da integralidade de saberes que constituem o ser humano.

4.4 Possibilidades para a educação musical

Diante de todo relato exposto sobre a prática do coletivo Possibilidades em prol do processo de humanização, retomo as categorias descritas por Braga (2012) sobre as dimensões da humanização em Paulo Freire. Proponho uma síntese adaptando o esquema gráfico original com as palavras chaves que guiaram a prática do coletivo.

Figura 12 - Dimensões da humanização na prática do coletivo Possibilidades



Fonte: produção do autor, 2024

Acredito que tal esquema ainda é limitado. As categorias servem para nos orientar numa visão mais global, mas as interseções entre as dimensões são fluidas. As palavras escolhidas possuem diversas possibilidades de categorização. Adotei este esquema como uma forma de síntese, mas o deixo aberto para futuras re-observações.

Chamo de **ad-miração artística** o processo de observação e re-observação proporcionado pela arte enquanto linguagem que expressa, via sentimentos e emoções, a **dimensão antropológica** da humanização. A arte proporciona a **auto objetificação** dos seres humanos, característica fundamental para a leitura e releitura de si, do outro, e do mundo. Assim, o ser humano se descobre enquanto ser inacabado, portanto, **desperta** para sua vocação em “Ser Mais” que virá a partir da sua constante **transformação**.

A analogia do “**piquenique**” de Aristóteles descreve bem as experiências observadas nos quase dois anos de atuação do coletivo Possibilidades. Destaco a **dimensão pedagógica** do “piquenique” no sentido de que a dinâmica colaborativa que mantinha o coletivo Possibilidades em funcionamento se refletiu nas interações artísticas: a **arte relacional** ao estabelecer diálogos com artistas e público; a **integração das artes** ao criar redes de artistas; os **encontros artísticos** que possibilitaram as trocas de saberes e a junção de **coletivos** que, cada um à sua maneira, ajudou a construir o todo.

A **conscientização** como resultado do diálogo coletivo e como busca permanente são marcas da **dimensão ético-política**. Neste grupo, destaco o **lanche coletivo** como expressão do amor na busca por integração social. As **atitudes ecológicas** como postura ética na relação do ser humano com o mundo. A **autogestão** como forma de organização que requer comprometimento, mas não de forma obrigatória, e sim pela livre escolha de participar. E a **Agrofloresta do Cocotá** como intervenção coletiva em prol da humanização do espaço urbano e das formas de produção.

Para Freire (2021), a ação cultural é uma prática educativa. Desta forma, podemos relacionar a prática do coletivo Possibilidades com a prática do educador musical na educação básica. Assim, os três campos em destaque, a **ad-miração artística**, o “**piquenique**” e a **conscientização** servem como guias para uma educação musical libertadora.

Na aula de música, a admiração artística é o material. É a experiência estética que permite aos educandos o aguçamento de suas sensibilidades e subjetividades através do exercício de escuta. Este exercício implica numa escuta atenta e contextualizada, pois o som evoca sensações e sentidos que se relacionam com os contextos sociais e com o cotidiano dos educandos.

A escuta atenta tem sido um desafio para os tempos atuais devido a imensa quantidade de conteúdos despejados sobre nós. Somos bombardeados por informações que não informam, pela poluição visual e sonora e pelo hiperestímulo promovido pela internet, em especial, pelas redes sociais. Tudo isso tem nos colocado numa posição de

superficialidade. Estamos no mundo, mas não com o mundo, pois não o percebemos. É impossível prestar atenção em tudo, por isso, desligamos. Passamos a “operar em piloto automático”. Até a forma como ouvimos música tem sido afetada. As pessoas escutam música no meio de outras atividades do dia-a-dia. Tirar um tempo exclusivo para ouvir música não tem sido tão fácil. A “audição ansiosa” tem desencadeado toda uma produção de músicas mais curtas, pois há pouca paciência para músicas mais extensas. Tudo isso tem contribuído para uma apatia dos sentidos: ouvimos, mas não escutamos. Por isso, o exercício pedagógico de escuta atenta é fundamental para o despertar dos sentidos que levam à percepção da música.

A percepção musical não deve se restringir a compreensão estritamente teórica das notas musicais, tal como ocorre em contextos mais tradicionais de educação musical. A admiração musical implica no emprego de sentidos que vão além da teoria musical. “O que expressam as notas musicais de uma música?” “Por quê?” Não há resposta certa ou errada. Cada resposta é única. Ao mesmo tempo, cada resposta pode se relacionar com o todo, pois, no jogo comparativo das respostas, re-avaliamos o que foi respondido, queremos ouvir novamente para agregar um novo sentido. Ao buscar compreender os sentidos subjetivos evocados por uma música, nos auto objetivamos. A auto objetificação permite a descoberta de si, mas também do outro. A pergunta “O que há em comum entre mim e o outro?” inclui, em si, a pergunta “O que há de diferente entre nós?” Assim, descobrimos a diversidade humana.

Aqui retomo a ideia do “piquenique” musical. Se a admiração artística é o material, o “piquenique” é a forma como o educador musical poderá trabalhar este material. O “piquenique” é a expressão da nossa diversidade, é o diálogo entre educandos e educadores a partir da integração de todos. Na perspectiva do “piquenique” musical, podemos dizer que a prática em conjunto não se caracteriza apenas pelo tocar junto, mas também pelo criar junto. Cada educando leva sua ideia e sua habilidade. As decisões são coletivas e o exercício das mediações se faz necessário. A divisão de tarefas, a escolha do repertório, o arranjo coletivo e as ideias de interpretação e performance, tudo isso é definido pelo grupo.

Para que o “piquenique” musical possa fluir, é importante que o educador entenda que a virtuosidade da performance não é o mais importante. O mais importante é proporcionar um clima descontraído que favoreça a autenticidade, a expressividade, a curiosidade e a criatividade dos educandos. Os educandos experimentam novas formas

de tocar, testam, arranjam e rearranjam. São protagonistas do próprio fazer musical, cabe aos educadores orientá-los e estimulá-los.

O “piquenique” possibilita o encontro de diferentes biografias musicais. Cada aluno traz consigo um gosto por determinado estilo musical. Por isso, a aula de música não deve hierarquizar gostos. Não é papel do educador musical impor um determinado tipo de música como sendo “mais elevado”. Infelizmente tal pensamento ainda é muito comum. Muitas pessoas reproduzem a ideia de que a aula de música deve “elevar” o “nível cultural” dos alunos. Esse tipo de pensamento traz marcas muito fortes de classismo e racismo, pois as músicas consideradas “inferiores”, em geral, são músicas produzidas pela periferia, tal como o funk e o rap. O educador musical que reproduz estes preconceitos pratica uma educação musical “bancária”. A aula de música que tem o “piquenique” como método, celebra a biografia musical dos educandos e se aproxima da concepção libertadora da educação.

A finalidade da educação musical é formar seres humanos integrais, capazes de se relacionar com o mundo de maneira sensível, reflexiva e criativa. Desta forma, a musicalidade potencializa a nossa leitura do mundo. Conscientes de que estamos no mundo e com o mundo, nos afirmamos enquanto sujeitos. A conscientização musical contribui para a conscientização de si próprio, do outro, e do mundo é, portanto, a finalidade da educação musical.

A diversidade dos educandos se manifesta no “piquenique”. A celebração desta diversidade é a marca da conscientização que, como vimos, é ação-reflexão. O “piquenique” nas aulas de música é uma analogia da sociedade. Por isso, a conscientização é o que fica com os educandos e com o educador após o fim da aula. Destaco educandos e educadores pois, na concepção freireana de educação como prática de liberdade, todos aprendem e se conscientizam juntos.

A conscientização requer ações transformadoras. Vivendo num mundo que nos oprime e desumaniza, o reconhecimento de nós enquanto sujeitos acontece na luta pela liberdade. Uma marca fundamental desta luta é o amor à vida, o amor ao próximo. Os afetos são essenciais para a educação musical. Primeiro, porque não existe música sem afeto. Segundo, porque os afetos criam laços verdadeiros entre as pessoas. Numa situação de dificuldade em sala de aula, um educando pode ajudar o outro, dar dicas de como resolver tal situação. Para poder estar do lado do outro, é preciso se colocar no lugar do outro. A amorosidade possibilita o reconhecimento do “nós”. Na aula de música, os exercícios de escuta são, também, exercícios de escuta do outro.

Há também a conscientização pela escuta atenta da paisagem sonora do mundo. A percepção da poluição sonora pode desencadear uma conscientização ecológica. Isso porque a poluição sonora se relaciona com outras formas de poluição, como por exemplo a poluição atmosférica (indústrias e transportes) e a poluição visual (os grandes prédios e o trânsito também impactam na acústica das cidades). A poluição é uma forma de violência¹⁴ cotidiana que, muitas vezes, não é percebida. Está naturalizada, mas não devia. Quando as desvelamos, buscamos superá-las. A preocupação ecológica deve nos engajar na luta por uma outra paisagem sonora. A luta por uma paisagem sonora onde os seres humanos estejam em comunhão com o canto dos pássaros e o leve chacoalhar das folhas de uma árvore, é uma luta pela humanização do mundo. A luta pela sobrevivência das espécies, inclusive a humana.

Essa, e outras mensagens, muito presentes no coletivo Possibilidades, apontam um caminho para a educação musical. Que a educação musical possa despertar nossos sentidos para que a gente se encante pela beleza do canto dos passarinhos e que esse encantamento nos mobilize na denúncia da feiura das bombas. Que a educação musical nos afirme enquanto seres humanos no mundo e com o mundo. Que educação musical afirme a nossa criatividade, a nossa sensibilidade, a nossa coletividade e a nossa diversidade. Enfim, que a educação musical afirme as nossas **POSSIBILIDADES!**

¹⁴ Por que não falar também da poluição sonora presente na violência das operações policiais próximas às escolas? Essa, infelizmente, é uma triste realidade da educação pública no Brasil.

5 NOTAS AD-MIRATIVAS

Chegar ao fim de um trabalho como este não é uma tarefa fácil. O encontro com o coletivo Possibilidades transformou diversos aspectos da minha vida. Me transformei enquanto músico, licenciando em música, futuro educador musical e, sobretudo, enquanto ser humano que existe com o mundo. Escolhi escrever sobre este tema como uma forma de retribuir tudo o que vivi e tenho vivido. Sinto que minha escrita tem o peso e a leveza de muitos braços. Peso porque me sinto na responsabilidade de retratar o coletivo da melhor maneira possível, mas sei que nunca estarei satisfeito nesta missão. Leveza porque faço isso com amor e sei que esse trabalho será recebido com amor pelas amigadas que pude fazer neste processo.

Da mesma forma, o diálogo com a obra de Paulo Freire, um dos autores de maior relevância para a educação libertadora, torna essa missão ainda mais desafiadora. O processo de escrita é longo, não nasce do dia para a noite. Chegando ao fim do texto percebi que, se eu tivesse começado a escrever hoje, muitas coisas sairiam diferentes. Contudo, encontro consolo para essa insatisfação na filosofia freireana que diz que os seres humanos estão sempre criando e recriando. Portanto, chego ao “fim” deste trabalho certo de que ele não está pronto, mas está sendo construído. Este texto foi apenas um passo a mais, uma **possibilidade** a mais.

Este trabalho buscou entender como o conceito de humanização se apresentou nas práticas do coletivo Possibilidades. Ao longo do texto, aponte algumas relações possíveis. As atitudes colaborativas desencadearam ações que ultrapassaram barreiras, tais como a da dificuldade de produzir cultura para todos. Esse desejo de construir um espaço comum de trocas culturais é reflexo da necessidade humana de se relacionar com o mundo de forma afetiva e criativa. Através das emoções, as artes ampliam nossos horizontes, permitindo enxergar para além da superfície. Desta forma, podemos conhecer melhor a nós mesmos e o mundo.

Os encontros artísticos também foram importantes para a descoberta de diferentes sensibilidades. A “descoberta do outro” leva ao encontro com o outro. A pluralidade humana se fez presente. Surgiu a ideia de coletivo como encontro de diferentes pessoas em diálogo.

Durante todo o processo destacamos a ideia de horizontalidade e autogestão. Ninguém era obrigado a fazer nada, ficamos quase dois anos realizando atividades culturais gratuitas de forma voluntária porque percebemos o quanto a arte e os encontros

podem ser transformadores. Buscar a horizontalidade como forma de atuação é uma tentativa de reinventar a forma como a sociedade está condicionada na lógica opressiva do capitalismo. Não é uma tarefa simples, todos nós estamos condicionados a reproduzir a lógica capitalista, assim como reproduzimos formas de opressão, tais como machismo, racismo, LGBTQIA+fobia, dentre outras. Há contradições no meio do caminho, não é do dia para noite que vamos superar todas elas. Entretanto, a conscientização acontece durante a luta social coletiva. Participar do Possibilidades, dialogar com as pessoas e escrever sobre isso foi uma experiência humanizadora.

Essa pesquisa é uma proposta de reflexão sobre a ação de um coletivo cultural. Para Paulo Freire, a ação-reflexão é importante para o processo de humanização. Compartilhar esta experiência me parece uma boa forma de exemplificar como os seres humanos podem ser criativos e cooperativos na sua luta pela libertação. A experiência de um movimento social localizado num bairro é uma visão direcionada, mas que aponta para um entendimento social mais amplo. Relatá-la nesta pesquisa acadêmica é uma oportunidade de compartilhar os saberes populares com a universidade. Acredito que esta troca é fundamental para o fortalecimento da universidade pública enquanto instituição que se pretende democrática, para todos. Da mesma forma, acredito que os conceitos e saberes desenvolvidos nesta pesquisa poderão contribuir para uma prática cada vez mais consciente dentro dos coletivos culturais.

As artes não estão isoladas do mundo. Pelo contrário, as artes proporcionam visões de mundo, apontam para outros mundos, conectam os seres humanos e nos emocionam. As artes nos humanizam porque elas nos conectam com a existência. E existir é estar no mundo e com o mundo. Existir é ser sujeito da história e cultura.

As práticas artísticas integradas e os encontros de prática musical coletiva descritos nesta pesquisa trazem importantes reflexões para o campo da educação musical. Por si só, a música se integra às outras artes na medida em que movimenta os corpos, conduz narrativas, evoca imagens, interpretações, etc. As possibilidades de diálogo com outras linguagens artísticas potencializam nossas emoções, reflexões e ações. Além disso, não é necessário ser músico profissional para fazer ou se interessar pela música. Os encontros de prática musical coletiva foram exemplos de como a música pode ser uma forma de expressão importante e acolhedora. Quando há convite e respeito por todos, a música pode contribuir para o bem estar individual e coletivo. Essa deve ser a preocupação dos educadores musicais. Educação musical é para todos! Não deve excluir ninguém. Não deve hierarquizar estilos musicais e culturais. Não deve reproduzir a ideia

de que “a música é só para quem tem talento”. Não deve ser pensada como algo supérfluo e dispensável. A finalidade da educação musical não é formar músicos, é formar seres humanos capazes de se relacionar com o mundo de maneira integral, exercendo sua expressividade e sensibilidade.

Essa pesquisa não contou com um diário de campo porque estava vivendo o movimento sem saber que, futuramente, escreveria sobre ele nesta monografia. Por isso, não contei com um diário de campo. Da mesma forma, gostaria de ter realizado mais entrevistas para colher outras perspectivas. Acredito que seriam fontes enriquecedoras para a pesquisa. Me apoiei em atas de reuniões do coletivo para tornar o relato mais coletivo possível, mas as reuniões com relatorias não eram muito comuns. Foram os encontros diários que desencadearam decisões criativas. As trocas e improvisos construíram a grandeza do movimento.

Como dito anteriormente, é impossível chegar ao fim desta pesquisa plenamente saciado com seu resultado. Não digo isso de forma negativa, pelo contrário, é positivo. A insaciedade é uma forma de aprofundar o trabalho, ela faz nascer outras perguntas. Por exemplo: Quais contribuições o coletivo Possibilidades pode trazer para o debate sobre políticas públicas de cultura e gestão democrática? Como os artistas do Possibilidades enxergam o trabalho com a arte? Qual foi a perspectiva das pessoas em situação de rua que frequentaram a biblioteca durante esse período? Essas e outras perguntas poderão ser respondidas em investigações futuras.

O trabalho coletivo em prol do bem comum é uma das principais lições que levo da experiência com o Possibilidades. Testemunhar que, através da arte, a gente pode fortalecer laços me traz muita esperança. Diante do fatalismo que diz que “não é possível mudar” ou que “resta aceitar as coisas do jeito que são”, reafirmar as nossas **possibilidades** através das artes é marcar uma posição política contra hegemônica. Os tempos são difíceis, mas seguimos criando, colorindo, cantando, dançando... Há algo dentro de nós que nos lembra que outro mundo é possível. Cabe a nós, através da ação-reflexão, construir os caminhos para esse novo mundo.

REFERÊNCIAS

ARIANI FILHO, Fernando Caiuby. **Música em com-junto**: um piquenique musical. In: I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música, 2010, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. p.183-191. Disponível em: <https://seer.unirio.br/simpom/article/view/2680/2012> Acesso em 04 set 2024.

BARBOSA, Ana Mae. COUTINHO, Rejane Galvão. (orgs). **Arte/Educação como Mediação Cultural e Social**. São Paulo (SP): Editora UNESP, 2008.

BAUER, Martin W. GASKELL, George (org). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som, um manual prático**. 2ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2003.

BRAGA, Maria Margareth. **Prática Pedagógica Docente-Discente e Humanização**: contribuição de Paulo Freire para a escola pública. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=91030> Acesso em 04 set 2024

BRITTO, Sérgio. Enquanto Houver Sol. In: Titãs, **Como Estão Vocês?** Rio de Janeiro: BMG, 2003. 1 CD. Faixa 8.

DUARTE, Mônica de Almeida. **Uma pedagogia estética e relacional da música**: dialogando com Nicolas Bourriaud. In: Congresso Nacional da ABEM, 26, 2023, Ouro Preto. **Anais** [...] Ouro Preto: UFOP, 2023. p. 1-13. Disponível em: https://abem.mus.br/anais_congresso/V5/papers/1427/public/1427-6618-1-PB.pdf. Acesso em 04 set 2024.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade** e outros escritos. 18ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. 49ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

_____. **Educação e Mudança**. 50ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 53ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2016.

_____. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo (SP): Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 74ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FERNANDES, Sabrina. **Pedagogia crítica como práxis marxista humanista**: perspectivas sobre solidariedade, opressão, e revolução. Educação e Sociedade, Campinas, v. 37, no. 135, p.481-496, abr.-jun., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/4vSnkJhLd4wMzJjNFDdfxLK/?format=pdf>

LIMA, Alexandre. **Trilogia Porvir**, Filosofia Poética. Maringá (PR): Viseu, 2023.

MÁRIO QUINTANA. **Encontro Mercado**, Piratini, RS: TV Educativa, s/d. Programa de TV. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ujJHrfxuwyc> Acesso em 4 set 2024.

MARX, Karl e ENGELS, Friederich. **A Ideologia Alemã**, São Paulo, Boitempo, 2007.

ORBEN, Douglas. **Pressupostos ontológicos da educação como processo de humanização em Paulo Freire**. Caminhos - Revista de Ciências da Religião, Goiânia, Brasil, v. 19, n. 4, p. 55–70, 2021. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/9129>. Acesso em: 4 set. 2024.

PEREIRA, Ana Beatriz Kempf. **Agroflorestas Urbanas como Apropriação de Espaços Livres Públicos da Cidade**: Um estudo de casa da Agrofloresta do Cocotá, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

RAKAL, Klara. **Semáforo escangalhado no amarelo**: em estado constante de alerta poético. Rio de Janeiro: Edição da autora, 2023.

SANTOS, Igor. **Uma guerreira da cultura na Ilha do Governador**. O Globo Rio. 2012 jun 17; [acesso em 26 ago 2024]; Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/uma-guerreira-da-cultura-na-ilha-do-governador-5219387>>

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2 - **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SIMÕES, Alan Caldas. **Musicalidade Crítica**: fundamentos para uma educação musical pautada na pedagogia crítica de Paulo Freire. Curitiba (PR): Appris, 2020.

TERRA, Julinho. **Frases Capengas com Cheiro de Mexerica**. Rio de Janeiro. Edição do autor, 2023.

TROJAN, Rose Meri. **A Arte e a Humanização do Homem**: afinal de contas, pra que serve a arte? In: Educar. Curitiba, n.12. p.87-96. 1996. Editora da UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/yPNx4p4rWhFFGzXqCff3T5j/>

ANEXO A

Flyers do Evento

cocotá
ilha do governador
**SARAU e
SHOWS**

07/14/21/28

de outubro

local: biblioteca euclídes
dacunha

Alejandro

França

Giuseppe Laucas

Guga

Jack

Janaina Araújo

Juninho Terra

Maria Paz

Nilmara (casa frida)

Thaina Raiza

Saulo Laucas

EXPOSIÇÃO

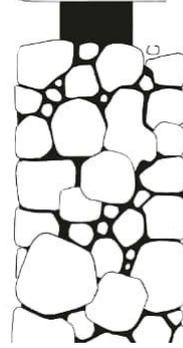
POSSIBILIDADES

**07/10
a 31/10**



**PINTURA
LITERATURA
ARTESANATO
POESIA**

ARTISTAS DA ILHA DO GOVERNADOR
MOSTRANDO AS POSSIBILIDADES
PARA UM MUNDO SUSTENTÁVEL



📍 biblioteca euclides da cunha / cocotã - Ilha do governador

EXPOSIÇÃO

POSSIBILIDADES

janeiro | fevereiro 2023

ecologia
poesia
pintura artesanato
literatura

SARAU e SHOWS

06 01	13 01	27 01	03 02	10 02
18h	18h	18h	18h	
sexta - feira				

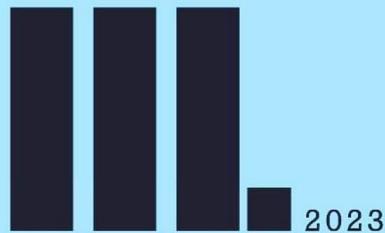
Realização

Apoio



convida para a abertura da

EXPOSIÇÃO POSSIBILIDADES



artesanato música poesia fotografia
teatro dança cinema ecologia

10-30/JUNHO

Dias: 10 - 17 - 24 de junho (SARAU)

Horário: 10:00h às 17:00h

artesanato música poesia fotografia teatro dança cinema ecologia

Fonte: Dudi Brito